

DOCUMENTOS DA CNBB – 85

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE

Desafios e perspectivas pastorais



Direção-geral: Flávia Reginatto
Editora responsável: Vera Ivanise Bombonato

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Pedro de Toledo, 164
04039-000 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3549 – Fax: (11) 2125-3548
<http://www.paulinas.org.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2007

APRESENTAÇÃO

Após dois anos de reflexão e duas Assembléias da CNBB, a Igreja do Brasil recebe como presente o documento: *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. No mesmo período em que o papa se encontra com a juventude brasileira, a CNBB publica este como instrumento dinamizador da ação evangelizadora no Brasil.

Contemplando a realidade juvenil atual e desejando oferecer luzes para o trabalho junto aos jovens, este documento é referência para todos que, na Igreja, têm se colocado na evangelização desta parcela tão importante da sociedade: pastorais da juventude, movimentos, congregações religiosas, novas comunidades, grupos juvenis e de crisma, Pastoral Vocacional, Pastoral da Educação e serviços diversos.

A evangelização da juventude interessa muito à Igreja e aos seus pastores. Temos um compromisso sério com a formação das novas gerações que, pressionadas por tantas propostas de vida, necessitam de muito discernimento, de coragem, de verdadeiros caminhos e, principalmente, de nossa presença amiga: “Os jovens têm o direito de receber da Igreja o Evangelho e de ser introduzidos na experiência religiosa, no encontro com Deus e no contato com as riquezas da fé cristã.

E os pastores da Igreja têm grande desejo de lhes comunicar a Boa-Nova de Jesus Cristo e de acolhê-los na comunidade eclesial” (*Estudos da CNBB*, n. 93, Apresentação).

Estamos certos de que o presente e o futuro da própria Igreja dependem desta nossa opção “afetiva e efetiva” por eles, como, também, a nossa sociedade progredirá à medida que puder contar com cidadãos verdadeiramente capacitados a testemunhar, defender e propagar os valores do Evangelho, todos eles a favor da vida plena para o ser humano.

A busca de unidade de nossas forças eclesiais em vista de um trabalho mais eficiente encontra neste documento as suas linhas gerais e motivações. A diversidade de carismas, espiritualidades e pedagogia de trabalho juvenil é para nós uma riqueza na Igreja de Jesus Cristo. Quanto mais estivermos convencidos do valor da “unidade na diversidade” mais os nossos jovens se beneficiarão, as nossas comunidades se fortalecerão e a nossa sociedade sentirá a força positiva de uma juventude convicta e entusiasmada pelos verdadeiros valores pregados por Jesus Cristo.

Uma adequada evangelização, iluminada pelo Espírito Santo “que faz novas todas as coisas”, nos garantirá uma juventude mais amada e animada em vista do Reino de Deus. A nossa presença educativa

no meio dos jovens e nossas estruturas organizativas encontrarão neste documento valiosas orientações e motivações para que os jovens se tornem verdadeiramente apaixonados por Jesus Cristo e seus fiéis discípulos em vista do bem de todos.

Brasília, 26 de maio de 2007

Memória de São Filipe Neri,
Evangelizador da juventude

† *Dom Dimas Lara Barbosa*
Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro
Secretário-Geral da CNBB

INTRODUÇÃO

1. “Jesus, vendo que eles o seguiam, perguntou-lhes: Que procurais? Eles responderam: Mestre, onde moras? Ele respondeu: Vinde e vede. Foram, viram onde Jesus morava e permaneceram com ele aquele dia” (Jo 1,38-39). A juventude mora no coração da Igreja e é fonte de renovação da sociedade. Os jovens de todos os tempos e lugares buscam a felicidade. A Igreja continua olhando com amor para os jovens, mostrando-lhes o verdadeiro Mestre — Caminho, Verdade e Vida — que os convida a viver com ele. Nós, pastores, consideramos urgente e importante o tema da evangelização da juventude para refleti-lo à luz da Palavra de Deus e de tantas riquezas e desafios deste momento histórico-cultural em que vivemos.
2. Jesus envia a Igreja ao mundo para dar continuidade à sua obra. “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça.”¹ Junto aos jovens, ela quer ser um meio através do qual eles se percebam como filhos

¹ EN, n. 14.

amados de Deus e irmãos de todos, capazes de entender e acolher com alegria a Boa-Nova que transforma a partir de dentro de cada um e ao seu redor.²

3. A fé há de ser apresentada aos jovens como um encontro amoroso com Deus, que toma feições humanas na pessoa de Jesus Cristo: “No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande idéia, mas o encontro com um acontecimento, com uma pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”.³ Desse modo, estarão em jogo duas realidades: o encontro pessoal com Jesus Cristo e a aceitação de um projeto de vida baseado no seu Evangelho. Essa adesão necessariamente incorpora a realidade em que o jovem vive como consequência de verdadeira encarnação cristã.
4. Queremos renovar a opção afetiva e efetiva⁴ de toda a Igreja pela juventude na busca conjunta de

² “Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa-Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade: ‘Eis que faço novas todas as coisas’ [...]. A Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina da mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios” (EN, n. 18).

³ BENTO XVI, Encíclica *Deus é Amor*, n. 1.

⁴ Cf. *Documento de Santo Domingo*, n. 114.

propostas concretas que favoreçam uma verdadeira evangelização desta parcela da nossa sociedade. A responsabilidade de anunciar Jesus Cristo e seu projeto aos jovens convoca-nos a uma constante vigilância para que a vontade de Deus e os sinais dos tempos sejam respondidos de modo adequado, principalmente em uma época de muitas mudanças.⁵

5. Queremos colaborar com a pluralidade de pastores, grupos, movimentos e serviços que existem em nossas Igrejas particulares para que trabalhem em conjunto, visando ao bem da juventude, e para que os nossos jovens, reconhecidos como sujeitos e protagonistas, contribuam com a ação de toda a Igreja, especialmente na evangelização dos outros jovens.
6. Desejamos, juntos, abrir caminhos para favorecer o desenvolvimento dos jovens, quanto ao anúncio

⁵ “Mais que a uma reflexão, somos chamados a uma maior proximidade do mundo juvenil, para que, a partir da própria juventude, descubramos caminhos novos na evangelização, contemplando seus reais anseios e apresentando-lhes a pessoa de Jesus Cristo, com seu rosto verdadeiro, capaz de encantar e atrair, para que os jovens o conheçam, o sigam e encontrem nele uma resposta convincente; consigam acolher uma mensagem e tornarem-se seus discípulos [...]. A evangelização da juventude não se justifica apenas pela *preocupação* da Igreja em aumentar os seus membros, ou garantir seu futuro. O empenho na evangelização da juventude nasce da consciência da própria Igreja de sua missão evangelizadora, de sua fidelidade ao mandato recebido e pela convicção da riqueza presente na juventude, e que, sem ela, a Igreja seria fartamente empobrecida” (Homilia de Dom José Mauro Pereira Bastos na 44ª Assembléia Geral da CNBB).

do querigma,⁶ à educação aos valores cristãos,⁷ à formação bíblica e teológica, à iniciação à vida litúrgica, ao ensino religioso nas escolas e universidades,⁸ à educação para a solidariedade e para a fraternidade;⁹ à superação de preconceitos;¹⁰ à educação psicoafetiva; à formação na ação¹¹ e para a cidadania. Estamos convictos de que a formação da juventude contribui para a promoção da dignidade de sua vida em todos os aspectos.¹²

7. Alegramo-nos com as muitas ações positivas que acontecem no meio da juventude e desejamos que a Igreja seja cada vez mais sinal e portadora do amor de Deus aos jovens, apresentando-lhes a pessoa e o projeto de Jesus Cristo como proposta

⁶ “A Igreja ‘existe para evangelizar’, isto é, para anunciar a Boa Notícia do Reino, proclamado e realizado em Jesus Cristo (cf. EN, n. 14): é sua graça e vocação própria. O centro do primeiro anúncio (querigma) é a pessoa de Jesus, proclamando o Reino como uma nova e definitiva intervenção de Deus que salva com um poder superior àquele que utilizou na criação do mundo. Esta salvação ‘é o grande dom de Deus, libertação de tudo aquilo que oprime a pessoa humana, sobretudo do pecado e do Maligno, na alegria de conhecer a Deus e ser por ele conhecido, de o ver e se entregar a ele’” (CNBB. *Diretório Nacional de Catequese*. Brasília, CNBB, 2006. n. 30).

⁷ Cf. CNBB, *Diretrizes gerais... 2003-2006*, doc. 71, n. 23.

⁸ *Ibid.*, n. 24.

⁹ *Ibid.*, n. 123b.

¹⁰ *Ibid.*, n. 131.

¹¹ *Ibid.*, n. 201.

¹² *Ibid.*, n. 85f.

segura e transformadora para si e para o seu meio, convocando-os a se tornarem realmente membros atuantes em suas comunidades de fé, amando-os e acreditando em suas potencialidades, entendendo-os em suas buscas para contribuir com a defesa e a promoção da vida, incentivando-os a serem cada vez mais agentes de transformação da própria realidade, estimulando os que já estão engajados a viverem um processo contínuo de crescimento, conversão pessoal e compromisso com a sociedade, “desenvolvendo um esforço amplo e constante de evangelização de jovens que lhes proporcione o conhecimento da Palavra de Deus e que os ajude a discernir, criticamente, ideologias e propostas religiosas que tentam reduzir ou instrumentalizar a fé”.¹³

8. A evangelização exige testemunho de vida, anúncio de Jesus Cristo e adesão a ele, adesão à comunidade, participação na missão da Igreja e transformação da sociedade.¹⁴ Evangelizar implica, em primeiro lugar, proporcionar o anúncio querigmático da pessoa de Jesus Cristo. Em seguida, esta experiência deverá ser aprofundada em grupos de convivência que devem conduzir cate-

¹³ Ibid., n. 105f.

¹⁴ EN, nn. 17-24.

queticamente a uma maturidade na fé e prontidão para ser discípulo e protagonista na construção do Reino de Deus por toda a vida, buscando a transformação da sociedade.¹⁵

9. O presente texto quer ser um instrumento para a evangelização da juventude. Ele pretende não esgotar o assunto nem aprofundar a compreensão do fenômeno juvenil mas sim oferecer propostas evangelizadoras às realidades locais de modo provocador, na busca de novos caminhos, num diálogo franco e construtivo com a cultura pós-moderna. Dividimos as reflexões em três partes:
 - I. Elementos para o conhecimento da realidade dos jovens.
 - II. Um olhar de fé a partir da Palavra de Deus e do Magistério.
 - III. Linhas de ação.

¹⁵ Cf. *Directório geral para a catequese*, n. 49.

I. ELEMENTOS PARA O CONHECIMENTO DA REALIDADE DOS JOVENS

10. Conhecer os jovens é condição prévia para evangelizá-los. Não se pode amar nem evangelizar a quem não se conhece. Por esse motivo, iniciamos com alguns elementos das realidades juvenis, buscando conhecer a geração de jovens cuja evangelização se apresenta como um dos grandes desafios da Igreja neste início do século XXI. É necessário ter em conta a variedade de comportamentos e situações da juventude hoje e a dificuldade de delinear um único perfil da mesma no mundo e no Brasil. Além do mais, trata-se de uma situação exposta à oscilação constante, marcada ainda com maior impacto pela velocidade social das mudanças culturais e históricas, com as vulnerabilidades e potencialidades dos jovens, tudo isso confrontado com uma experiência significativa da Igreja quanto à evangelização da juventude.

1. As transformações culturais e os jovens

11. A modernidade abriu as portas do mundo para uma nova atitude do homem e da mulher face

à vida, acentuando a centralidade da razão, a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Num primeiro momento, a Igreja fragilizou-se ao resistir à possibilidade de mudança, distanciando-se da juventude, da sua linguagem, de suas expressões e maneiras de ser e viver diante do avanço da modernidade. Uma das finalidades do Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII, era ajustar melhor as instituições da Igreja às necessidades de nosso tempo.¹

12. Nas últimas décadas, ao lado da cultura moderna vem-se fortalecendo a cultura pós-moderna. A pós-modernidade não é uma nova cultura que se contrapõe de modo frontal à modernidade. Constatam-se mudanças no cenário, grande velocidade e volume da informação, rapidez na mudança do cotidiano por parte da tecnologia, novos códigos e comportamentos. Devido à globalização e ao poder de comunicação dos meios eletrônicos, essas mudanças vêm penetrando fortemente no meio juvenil.
13. A pós-modernidade não substitui a modernidade. As duas culturas vivem juntas. Os valores da modernidade continuam sendo importantes para os jovens: a democracia, o diálogo, a busca de felicidade humana, a transparência, os direitos

¹ Cf. SC, n. 1.

individuais, a liberdade, a justiça, a sexualidade, a igualdade e o respeito à diversidade. Uma Igreja que não acolhe esses valores encontra grandes dificuldades para evangelizar os jovens.

14. Os jovens de hoje e a Igreja em que vivem são influenciados pelos impactos da modernidade e da pós-modernidade. Alguns elementos deste momento histórico exercem grande influência na mentalidade, nos valores e no comportamento de todas as pessoas. Ignorar estas mudanças é dificultar o processo de evangelização da juventude — o grupo social que assimila esses valores e mentalidade com mais rapidez. Uma evangelização que não dialoga com os sistemas culturais é uma evangelização de verniz, que não resiste aos ventos contrários.²
15. Dentre os muitos elementos da nova cultura pós-moderna³ que influem no processo de evangelização dos jovens e no fenômeno da indiferença de uma parcela da juventude face à Igreja, destacamos a subjetividade, as novas expressões da vivência do sagrado e a centralidade das emoções.

² “A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas” (EN, n. 20).

³ Mais informações sobre esse assunto podem ser encontradas no Anexo 1: “Impacto das tendências do mundo contemporâneo sobre os jovens”.

I.1 A SUBJETIVIDADE

16. A subjetividade, no contexto pós-moderno, particularmente em referência à juventude, merece estudos e conhecimentos aprofundados para que o diálogo e a linguagem estabelecidos com os jovens tenham impacto e força de convocação para o seguimento de Jesus. A evangelização da juventude exige atualização permanente do conhecimento da dinâmica de sua subjetividade. Há de se levar em conta a sua complexidade. Este conhecimento possibilitará um adequado tratamento do fenômeno do subjetivismo que gera, facilmente, a permissividade, o egoísmo, a identificação simples da felicidade com o prazer, a incompetência para lidar com a pluralidade de solicitações e ofertas, entre outras. Estas questões afetam a subjetividade humana, particularmente a juvenil.
17. O ideal coletivo dos anos 1970-1980 de construir um mundo melhor foi sendo substituído por uma maior preocupação com as necessidades pessoais, com os sentimentos, com o próprio corpo, com a melhora da auto-estima, com a confiança, com a libertação dos traumas etc. O ambiente de descrédito dos grandes ideais coletivos em que vivem faz com que segmentos da juventude tenham forte tendência de viver somente no presente, na cultura do descartável.

Este fenômeno tem o efeito de se concentrar, no momento atual, na busca de sensações e emoções passageiras. Ao mesmo tempo, há outros segmentos que manifestam preocupação com um futuro mais próximo.

18. Nesse contexto faz-se necessário buscar um equilíbrio entre o projeto individual e o projeto coletivo. Os dois grandes movimentos de nosso tempo, o movimento pela justiça social e o movimento pela auto-realização, são metades de um todo esperando para se unirem numa grande força de renovação.⁴ Porém, o equilíbrio deve ser promovido com muita sensibilidade, pois a auto-realização pressupõe a relação com o outro, com a comunidade. Ao mesmo tempo, de maneira alguma a comunidade deve ser sinônima de uniformidade.

I.2 AS NOVAS EXPRESSÕES DA VIVÊNCIA DO SAGRADO

19. Em tal conjuntura, acontece uma redescoberta da dimensão religiosa. Há a busca de uma espiritualidade que dá unidade e gosto à vida. Trata-se, entretanto, de uma religiosidade mais individual. Face a tanto medo, pressa e caos, muitas pessoas voltam-se para vários tipos de manifestações

⁴ Cf. STEINEM, G. *Revolution from within*. Boston, Little/Brown, 1993.

religiosas e místicas (ocultismo, nova era, esoterismo, horóscopos, astrologia...). Outras pessoas refugiam-se em grupos fundamentalistas em que as verdades são ensinadas de maneira dogmatizada, evitando, assim, a angústia da dúvida.

20. Embora esta mudança cultural possa oferecer uma terra fértil à religião, é importante analisar com cautela tais expressões do sagrado. A abertura para o transcendente não significa, necessariamente, uma aceitação das religiões organizadas. Muito fermento espiritual está sendo elaborado fora das instituições. Há estudos que demonstraram que muitos jovens estão procurando razões para viver sem envolver-se com uma “Igreja”. Trata-se de uma espiritualidade centrada na pessoa e não a partir de uma vivência institucional e, por isso, busca-se algo que satisfaça suas necessidades.
21. No entanto, a mudança cultural abre uma porta para o processo de evangelização dos jovens. Hoje é mais fácil trabalhar a espiritualidade, em todas as suas dimensões, que na década de 1980, quando o tempo dedicado às celebrações e à oração era frequentemente visto como algo secundário face à urgência da transformação social. É necessário, contudo, resistir à tentação de reduzir ou manipular a mensagem do Evangelho para ganhar mais adeptos.

I.3 A CENTRALIDADE DAS EMOÇÕES

22. Se antes se exaltava a razão, hoje se acentua a emoção. Se a importância dada às emoções é positiva, sua absolutização leva a um esvaziamento intelectual, do compromisso transformador e da consciência crítica, leva à superficialidade e à falta de perseverança, podendo facilmente conduzir ao fundamentalismo, que tem suas expressões dentro de todas as grandes religiões.
23. O fenômeno religioso que mais chama a atenção, dentro desse novo contexto cultural centrado nas emoções, é o crescimento do neopentecostalismo, que acentua a subjetividade e o elemento afetivo em sua metodologia de evangelização.⁵ Este fenômeno é mais visível pelo número de Igrejas pentecostais que nascem a cada dia, principalmente nas periferias das grandes cidades. Com a diversificada oferta de escolha do sagrado, por parte do “consumidor”, a fé é regulada pelo mercado, de modo especial, pela TV. “A religião deixou de representar o espaço da relação do crente com Deus para se transformar em veículo de ascensão social ou em promessa de felicidade

⁵ Há também outros aspectos do neopentecostalismo, como o atendimento personalizado, ausência de burocracia e de exigências, simplicidade de doutrina, flexibilidade moral, espírito de tolerância, organização simplificada que elimina intermediários, espaços bonitos, encontros alegres e informais.

plena. Troca-se a elaboração analítica que exige a dor da busca e da reflexão por sessões de entretenimento religioso.”⁶

24. A tendência de acentuar os sentimentos, no mundo contemporâneo, tem forte penetração no meio dos jovens e levanta questões importantes referentes à metodologia de trabalho pastoral. Por outro lado, à medida que aumenta o nível de escolaridade dos jovens, aumenta, também, a necessidade de uma base intelectual da fé; caso contrário, muitos acabam abandonando sua fé. É importante lembrar que as duas culturas continuam convivendo juntas: a modernidade, que acentua a razão, e a pós-modernidade, que acentua a centralidade das emoções.
25. Há necessidade de levar em conta os dois enfoques da cultura contemporânea e manter um equilíbrio entre os dois pólos: o racional e o emocional. Emoções, sentimentos e imaginação precisam ser integrados em uma metodologia que tenha objetivos claros. Ao mesmo tempo, a razão deve deixar espaço para as emoções e a imaginação. A mensagem do Evangelho precisa ser apresentada como resposta às dimensões da vida do jovem.

⁶ Dr. William César Castilho Pereira, professor da PUC-Minas. Cf. PEREIRA, William César Castilho (org.). *Análise institucional na vida religiosa consagrada*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, O Lutador/CRB, 2005.

A formação deve ser integral, isto é, considerar as diversas dimensões da pessoa humana e os processos grupais.

2. Perfil da juventude brasileira

26. Nossa intenção é considerar a juventude com suas potencialidades para renovar a sociedade e a Igreja. A juventude é a fase do ciclo de vida em que se concentram os maiores problemas e desafios, mas é, também, a fase de maior energia, criatividade, generosidade e potencial para o engajamento.
27. Com relação à juventude, a noção construída é bem recente. Para efeitos de políticas públicas, a idade adotada no Brasil vai dos 15 aos 29 anos, com divisão em subgrupos por agrupamento de interesses e afinidades, caminhando na linha da definição pela necessidade de afirmação dos direitos juvenis. “Trata-se de uma fase marcada por processos de desenvolvimento, inserção social e definição de identidades, o que exige experimentação intensa em diversas esferas da vida”.⁷ Já não podemos mais olhar para a juventude como ciclo de breve passagem para a vida adulta. O período da juventude se alongou e seu transformou, “ga-

⁷ Cf. FREITAS, Maria Virgínia de. *Juventude e adolescência no Brasil*; referências conceituais. São Paulo, Ação Educativa, 2005. p. 31.

nhando maior complexidade e significação social, trazendo novas questões para as quais a sociedade ainda não tem respostas integralmente formuladas”.⁸ Desse modo, incluir os jovens na Igreja, hoje, significa olhar para as múltiplas dimensões em que eles estão inseridos. Para, a partir daí, tratá-los como sujeitos com necessidades, potencialidades e demandas singulares em relação às outras faixas etárias. A juventude requer estrutura adequada para seu desenvolvimento integral, para suas buscas, para a construção de seu projeto de vida e sua inserção na vida profissional, social, religiosa etc. Tão importante, também, é olhar para a juventude conforme sua diversidade, “segundo as desigualdades de classe, renda familiar, região do país, condição de moradia rural ou urbana, no centro ou na periferia, de etnia, gênero etc.; em função destas diferenças, os recursos disponíveis resultam em chances muito distintas de desenvolvimento e inserção”.⁹

28. Dentre o complexo perfil da juventude brasileira, destacamos alguns elementos que consideramos primordiais, na visão da realidade para a evangelização dos jovens: perfil socioeconômico, protagonismo e participação social, e perfil religioso.

⁸ Ibid., pp. 31-32.

⁹ Ibid., pp. 31-32.

2.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO

29. Para caracterizar a juventude, as estatísticas brasileiras geralmente seguem os parâmetros de organismos internacionais, considerando o grupo etário de 15 a 24 anos.¹⁰ Em 2000, no último recenseamento geral da população, estavam nessa faixa etária cerca de 34 milhões de pessoas, o que representa 20% da população brasileira.¹¹ Se acrescentarmos a esse contingente os indivíduos de 25 a 29 anos, em geral designados pelos demógrafos de “jovens adultos”, teríamos um total de 47 milhões. A juventude brasileira é marcada por uma extrema diversidade e manifesta as diferenças e as desigualdades sociais que caracterizam nossa sociedade. Trata-se de um contingente populacional bastante significativo, em idade produtiva, que se constitui em uma importante força a ser mobilizada no processo de desenvolvimento de nosso país.
30. Dentre as várias diferenciações que recortam a juventude, estão as de classe social, cor e etnia, sexo, local de moradia, as diferentes situações de responsabilidade face à família, além das varia-

¹⁰ Em países da Europa, para efeito de execução de políticas públicas, há uma tendência de considerar como jovens os indivíduos com até 30 anos de idade.

¹¹ Cf. IBGE. *Censo Demográfico de 2000*.

ções relativas ao gosto musical ou estilo cultural e as pertenças associativas, religiosas, políticas.

31. Há jovens que têm um padrão de vida elevado, mas são uma minoria. A maioria dos 34 milhões de jovens brasileiros representa um dos segmentos populacionais mais fortemente atingidos pelos mecanismos de exclusão social. As estatísticas demonstram que a juventude é um dos grupos mais vulneráveis da sociedade brasileira. Ela é especialmente atingida pelas fragilidades do sistema educacional, pelas mudanças no mundo do trabalho e, ainda, é o segmento etário mais destituído de apoio de redes de proteção social.
32. Eis alguns dos principais problemas com os quais se deparam, hoje, os jovens brasileiros:¹² a disparidade de renda; o acesso restrito à educação de qualidade e frágeis condições para a permanência nos sistemas escolares; o desemprego e a inserção no mercado de trabalho; a falta de qualificação para o mundo do trabalho; o envolvimento com drogas; a banalização da sexualidade; a gravidez na adolescência; a AIDS; a violência no campo e na cidade; a intensa migração; as mortes por causas externas (homicídio, acidentes de trânsito e suicídio); o limitado acesso às atividades esportivas, lúdicas, culturais e a exclusão digital.

¹² Cf. Anexo 2: “Situação socioeconômica da juventude brasileira”.

33. O impacto da pobreza, em uma sociedade que sacraliza o consumo, relativiza os valores, atinge a família, o primeiro lugar de socialização do jovem. Cresce o número de homens e mulheres que não fundam lares estáveis, levando o núcleo familiar a se desintegrar. Essa situação deixa fortes cicatrizes emocionais na personalidade de muitos jovens em um momento crítico de suas vidas. Impressiona o número de jovens nas comunidades juvenis que enfrentam problemas emocionais sérios.
34. Destacam-se três marcas da juventude na atualidade: o “medo de sobrar, por causa do desemprego, o medo de morrer precocemente, por causa da violência, e a vida em um mundo conectado, por causa da Internet”.¹³ O sentido e a dureza dessas marcas anseiam por uma Boa Notícia que, a partir de um olhar de fé, pode ser encontrada no interior da própria juventude.¹⁴

¹³ NOVAES, Regina & VITAL, Christina. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In: THOMPSON, Andrés (org.). *Associando-se à juventude para construir o futuro*. São Paulo, Peirano, 2006. pp. 112-113.

¹⁴ Há 32,1 milhões de brasileiros com mais de 16 anos e algum tipo de acesso à Internet, segundo o Ibope. Eram menos de 10 milhões em 2002. (*Folha de S. Paulo*, 13/02/06, página A2). A pesquisa realizada pelas ONGs Ibase e Pólis revelou que 51,2% dos 8.000 jovens entrevistados nas regiões metropolitanas não tinham acesso a computadores, mas a exclusão digital é muito influenciada pelo pertencimento de classe: se 80% dos jovens das classes A/B têm esse acesso, entre os jovens das classes D/E este índice cai para 24,2% (IBASE & PÓLIS, 2005, p. 27).

35. Esse quadro aponta a necessidade de promover mudanças mais profundas e estruturais no modelo de desenvolvimento econômico-social adotado no país, com reorientação de investimentos que garantam os direitos básicos da população — aos jovens em particular — nas áreas de educação, criação de empregos, infra-estrutura urbana, saúde, acesso à cultura e ao lazer, que têm repercussões na situação de segurança pública. João Paulo II acusou o liberalismo de “subordinar a pessoa humana e condicionar o desenvolvimento dos povos às forças cegas do mercado, sobrecarregando desde seus centros de poder aos países menos favorecidos com cargas insuportáveis”. No mesmo discurso o Santo Padre considerava que o neoliberalismo causou o “enriquecimento exagerado de uns poucos à custa do empobrecimento crescente de muitos, de forma que os ricos são cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres”.¹⁵

2.2 PROTAGONISMO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

36. Duas imagens da juventude predominam nos meios de comunicação e na opinião pública. De um lado, as propagandas e as novelas apresentam

¹⁵ João Paulo II, falando na sua visita a Cuba, em 1998, em que afirmou claramente que nem o marxismo nem tampouco a versão neoliberal do capitalismo apresentaram soluções para um desenvolvimento equilibrado.

os jovens como modelos de beleza, de saúde e de alegria, despreocupados, e impõem padrões de vida e de consumo aos quais poucos jovens realmente têm acesso. Os jovens também são caracterizados pela força, ousadia, coragem, generosidade, espírito de aventura, gosto pelo risco. De outro, nos noticiários, estão os jovens envolvidos com problemas de violência ou comportamentos de risco, que são, na maioria das vezes, negros e oriundos dos setores populares.

37. Essas duas imagens polares convergem para o mesmo senso comum que considera a juventude individualista, consumista e politicamente desinteressada. Mas esses são estereótipos que não dão conta da diversidade de experiências da juventude brasileira. Por um lado, é verdade que: a) segundo pesquisas da Unicef, 65% dos adolescentes (de 12 a 17 anos) nunca participaram de atividades associativas e/ou comunitárias;¹⁶ b) de acordo com um levantamento nacional recente, realizado pelo *Instituto Cidadania*, entre jovens de 15 a 24 anos de todo o Brasil,¹⁷ apenas uma minoria participa

¹⁶ Secretaria Geral da Presidência da República, Coordenação Nacional do Projovem, março 2005, Regina Novaes.

¹⁷ Para maiores informações ver ABRAMO, Helena & BRANCO, Pedro Paulo (orgs.). *Retratos da juventude*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto da Cidadania, 2005.

formalmente de movimentos estudantis, sindicatos, grupos religiosos, associações profissionais e partidos; 15% dos jovens participam de algum agrupamento juvenil.

38. No entanto, atualmente no Brasil há uma série de novas formas de participação juvenil, entre as quais podemos destacar: a) a pertença a grupos (pastorais, movimentos eclesiais, novas comunidades, redes, ONGs e outras organizações juvenis) que atuam para transformar o espaço local, nos bairros, nas favelas e periferias; b) a participação em grupos que trabalham nos espaços de cultura e lazer: grafiteiros, conjuntos musicais, de dança e de teatro de diferentes estilos, associações esportivas; c) mobilizações em torno de uma causa e/ou campanha: grupos ecológicos, comitês da Campanha contra a Fome, ações contra a violência e pela paz, grupos por uma outra globalização etc.; d) grupos reunidos em torno de identidades específicas: mulheres, negros, indígenas, pessoas com deficiência.
39. Para além do discurso corrente de que os jovens de hoje não participam, são desinteressados e alienados, alguns estudos recentes têm demonstrado que os jovens desejam participar ativamente da vida social, têm muitas sugestões do que deve ser feito para melhorar a situação do país e querem dar sua

contribuição. Entretanto, não encontram espaços adequados: as formas de participação presentes na sociedade e no Estado são percebidas pelos jovens como muito distantes de sua realidade cotidiana.¹⁸

2.3 PERFIL RELIGIOSO

40. Constata-se que o perfil religioso do jovem brasileiro é semelhante ao da população. Segundo o Censo de 2000, os católicos no país eram 73,8% da população. Entre os jovens de 15 a 24 anos, eram 73,6%. Enquanto no conjunto da população a presença evangélica representava 15,5%, entre os jovens a adesão às Igrejas evangélicas era um pouco menor: 14,2%. A maior diferença encontrava-se no grupo que se identificava como “sem religião”: na população, 7,4%, e entre os jovens: 9,3%.¹⁹
41. Embora expressivo, este dado não deve ser interpretado como um avanço do ateísmo entre a juventude brasileira. A maioria desses jovens vive alguma experiência religiosa. Alguns estudos têm

¹⁸ IBASE & PÓLIS. *Juventude brasileira e democracia*; participação, esferas e políticas públicas. Rio de Janeiro, s.n., 2005. p. 72.

¹⁹ Em todas as faixas etárias as outras religiões (espiritismo kardecista, umbanda, candomblé, judaísmo, religiões orientais, islã etc.) somaram 3% e, entre os jovens de 15 a 24 anos, 3,3%.

demonstrado que a grande maioria dos jovens sem religião acredita em Deus ou tem outras crenças e, portanto, são inspirados por uma mística, muito embora não estejam vinculados a uma instituição religiosa em particular.²⁰

42. Além disso, fenômenos que marcam a dinâmica do campo religioso na atualidade são intensificados quando se trata da população jovem, como a busca contínua por uma expressão de fé que dê sentido às suas vidas (o que acelera o trânsito religioso); a atração por manifestações religiosas exóticas; e a elaboração de sínteses pessoais a partir do repertório de crenças e práticas disponíveis em vários sistemas religiosos. Nesse contexto, florescem espiritualidades relacionadas à idéia do estabelecimento de uma “Nova Era”, que integraria o ser humano ao cosmo, em uma dimensão holística, e responderia a preocupações desde aquelas relativas à saúde física e psíquica,

²⁰ Em uma pesquisa nacional representativa da juventude brasileira, realizada em metrópoles, cidades grandes, médias e pequenas, e também no interior, 11% dos jovens se apresentaram como sem religião, sendo que 10% declararam acreditar em Deus, mas não ter religião, e 1% identificou-se como ateu e agnóstico (cf. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença, artigo de NOVAES, Regina em *Retratos da juventude brasileira*; análise de uma pesquisa nacional. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2005. pp. 263-290). Outro estudo desenvolvido numa metrópole reforça essa constatação: 98,5% dos 800 jovens entrevistados, com idades entre 15 e 24 anos, disseram acreditar em Deus (cf. NOVAES & MELLO, *Jovens do Rio*, 2002).

com as correspondentes práticas terapêuticas, até o respeito e defesa da biosfera.

43. Isso se dá em uma fase do ciclo vital em que as pessoas costumam se questionar acerca de vários aspectos de suas vidas: caminhos profissionais, continuidade dos estudos, relacionamento afetivo. É recorrente a experimentação em muitos desses âmbitos originando vínculos provisórios. Também a adesão religiosa torna-se campo de reflexões e experiências. Muitos jovens colocam em xeque a herança religiosa recebida na família, o que tem levado a diferentes percursos: a opção consciente pela tradição religiosa na qual foram educados; o rompimento com essa herança — que pode se traduzir na conversão a outro sistema religioso ou a desvinculação religiosa. Inclusive, tem-se verificado que jovens que não passaram por uma socialização religiosa têm aderido a diferentes grupos religiosos.
44. Muitos jovens ligados às instituições religiosas dispõem generosamente de seu tempo livre para desenvolver as atividades de seu grupo. Também porque nessas ocasiões costumam estar em contato com outros jovens e se alegram nesta convivência. Tal disponibilidade fica reduzida quando os jovens iniciam os estudos universitários ou a vida profissional ou, ainda, quando associam trabalho

e estudo. Sem negar as motivações religiosas desta busca de participação no grupo, são manifestações que se iniciam com força na adolescência, na descoberta de outras realidades além da família, onde possam construir sua autonomia e sua independência. Daí, a importância pedagógica e teológica de um acompanhamento adaptado da vivência grupal nessa fase.

45. A preocupação com a evangelização da juventude leva-nos, também, a olhar a crescente busca dos adolescentes²¹ por espaços grupais. Na ausência de uma proposta evangelizadora que corresponda às necessidades dos adolescentes, estes acabam se inserindo nos grupos destinados aos jovens. Neste cenário, muitas vezes provocador de respostas equivocadas para adolescentes e também para jovens, necessitamos conhecer e aprofundar os elementos que marcam a vida destes sujeitos,

²¹ A noção de adolescência, construída pela Unicef, que também é adotada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA e para efeito de políticas públicas, delimita a idade dos 12 aos 18 anos incompletos. Apresenta a adolescência como “fase específica do desenvolvimento humano caracterizado por mudanças e transformações múltiplas e fundamentais para que o ser humano possa atingir a maturidade e se inserir na sociedade no papel de adulto”. No entanto, considera que “é muito mais que uma etapa de transição, contemplando uma população que apresenta especificidades, das quais decorrem uma riqueza e potencial únicos”. É preciso considerar a adolescência na sua condição de grandes diversidades e desigualdades, em seus espaços naturais, culturais e sociais (cf. FREITAS, Maria Virgínia de. *Juventude e adolescência no Brasil*; referências conceituais. São Paulo, Ação Educativa, 2005. p. 29).

para que a evangelização possa oferecer propostas diferenciadas, segundo cada realidade.

46. Sensíveis às manifestações artísticas e culturais da sociedade contemporânea, jovens de diferentes identidades religiosas aderem com entusiasmo a eventos semelhantes no âmbito religioso (*shows*, concentrações em estádios etc.). Assim tem crescido o número de bandas e artistas religiosos.
47. Em nossa Igreja há uma presença significativa de jovens em vários setores da vida eclesial: nas comunidades eclesiais de base e nas paróquias, participando das equipes de liturgia e de canto, atuando como catequistas, em diversas pastorais. Estão presentes também nas pastorais da juventude, nos movimentos eclesiais, nas novas comunidades e nas diferentes iniciativas promovidas pelas congregações religiosas e institutos seculares.
48. Muitas vocações sacerdotais e religiosas e para outros ministérios eclesiais têm sido suscitadas por essa participação. Chama a atenção o fato de que um número crescente de jovens esteja buscando propostas vocacionais exigentes nos campos da contemplação e da ação. Outro traço a destacar é a responsabilidade e a seriedade com que muitos jovens católicos, animados pela sua fé, têm abraçado a dimensão do serviço, seja no cuidado aos

mais pobres, seja na atuação em movimentos e organizações sociais com vistas à construção de uma sociedade justa e solidária. No entanto, nem sempre os jovens atingidos pela ação pastoral da Igreja na catequese crismal, grupos de jovens e em outras iniciativas pastorais têm sido conquistados para um sólido engajamento na comunidade de fé e muitas vezes eles não se sentem acolhidos em algumas paróquias.

3. Valor da experiência acumulada da Igreja

49. Diante do desafio de evangelizar a juventude contemporânea, a Igreja não está começando do zero. Há um caminho histórico percorrido por ela que revela uma herança muito rica. Há uma corrente através da qual uma geração de jovens e agentes evangelizadores adultos passa a experiência acumulada para outra. A Igreja Católica é uma das organizações que têm mais experiência acumulada e sistematizada no trabalho com a juventude. É importante resgatar essa experiência, estando atentos aos sinais dos tempos. Em cada época, à medida que mudavam os desafios, os enfoques, os valores e o ambiente cultural da sociedade, a mentalidade dos jovens também mudava. Os jovens são mais sensíveis às mudanças e propensos a aceitar o novo. Tudo o que acontece na socie-

dade tem seus reflexos na ação evangelizadora da juventude. Os jovens que são atingidos pela ação evangelizadora estão inseridos simultaneamente na sociedade e na Igreja.

50. Em cada época há necessidade de adequar as concepções e as práticas de evangelização para se relacionar com os jovens. Se a Igreja apresentou uma proposta que se tornou predominante, não significa que todos os jovens tenham aderido a ela. Aprendemos com as conquistas e os erros do passado.²² Nem tudo muda de uma época para a outra. Mudam, às vezes, os enfoques, o ponto de partida, alguns elementos da metodologia, sendo que outros permanecem. Na Igreja do Brasil, muitas forças pastorais atuam junto aos jovens e com eles. Cada uma delas tem a sua própria riqueza e contribui, no interior da Igreja, para a evangelização da juventude. Destacamos entre elas as pastorais da juventude, os movimentos

²² “Das coisas mais tristes hoje é ver o assassinato de grupos de jovens. Nossa juventude é mais eliminada pela violência do que se participasse de guerras. Este ano da juventude (na Arquidiocese de Mariana) é um grande ato penitencial da Igreja, por não saber ouvir a juventude [...]. Falta muito para assumirmos Puebla, e sofremos por isso. A Igreja precisa ser povo, tem que ir à pobreza. Isso cria mística. Igreja que reza deve trabalhar com os pobres e pelos pobres. Não podemos deixar cair os braços diante de tanta luta da vida contra a morte. Mas diante da vida sendo assassinada, Cristo vem para trazer a mensagem: ‘Eu vim para que todos tenham vida!’ Acreditar, lutar pela vida, vivifica este mundo” (Dom Luciano Mendes de Almeida no 8º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude, em Janeiro de 2006 – Campinas, SP, falando sobre a opção pelos jovens e pobres feita em Puebla).

eclesiais, o serviço pastoral das congregações e as novas comunidades. Reconhecemos que a evangelização dos jovens é obra de muitas mãos, inclusive com a contribuição da Pastoral Familiar, Pastoral Vocacional, Pastoral Catequética, ação missionária.²³

²³ Esta rica *herança* da Igreja do Brasil e da América Latina está descrita no Anexo 3.

II. UM OLHAR DE FÉ A PARTIR DA PALAVRA DE DEUS E DO MAGISTÉRIO

51. Escutando e compreendendo os gritos e clamores dos jovens, a Igreja é chamada a evangelizar e ser evangelizada na atualidade. É necessário olhar com fé e à luz da palavra da Igreja o caminho evangelizador a ser percorrido, a partir do objetivo geral da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, ponto de referência de toda a ação pastoral:

EVANGELIZAR

*proclamando a Boa-Nova de Jesus Cristo,
caminho para a santidade,
por meio do serviço, diálogo, anúncio e testemu-
nho de comunhão,
à luz da evangélica opção pelos pobres,
promovendo a dignidade da pessoa,
renovando a comunidade eclesial,
formando o povo de Deus e
participando da construção de uma sociedade
justa e solidária,
a caminho do Reino definitivo.*

52. Ser cristão significa conhecer a pessoa de Jesus Cristo, fazer opção por ele, unir-se a tantos outros que também o encontraram e, juntos, trabalhar pelo Reino e por uma nova sociedade. A evangelização da juventude passa por alguns eixos temáticos, a saber, o seguimento de Jesus Cristo, a Igreja, comunidade dos seguidores de Jesus, e a construção de uma sociedade solidária. A Igreja, consciente de sua missão, oferece seu ensinamento e a sua visão a respeito da juventude e de sua evangelização.

1. O seguimento de Jesus Cristo

53. A busca juvenil de “modelos” e “referências” é uma porta que se abre para o processo de evangelização. Aqui está a grande oportunidade de apresentar Jesus Cristo. Contudo, o seguimento de Jesus Cristo não se equipara ao seguimento de outros líderes religiosos ou mestres. Estes podem indicar o caminho e apontar a porta, mas não são o caminho nem a porta. Quando encontramos o caminho, podemos legitimamente esquecer o líder ou o mestre. Jesus Cristo, porém, sendo Deus, é, ele mesmo, “Caminho, Verdade e Vida”. Assim, seguir o caminho é entrar no Caminho, é entrar em Cristo e Cristo em nós, numa profunda “interioridade mútua”, formando uma como “única

personalidade mística”.¹“Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

54. Com criatividade pastoral, é importante apresentar e testemunhar Jesus Cristo dentro do contexto em que o jovem vive hoje e como resposta às suas angústias e aspirações mais profundas. “Devemos apresentar Jesus de Nazaré compartilhando a vida, as esperanças e as angústias do seu povo.”² Um Jesus que caminha com o jovem, como caminhava com os discípulos de Emaús, escutando, dialogando e orientando.³
55. Jesus Cristo é o ponto culminante da ação de Deus na história humana. O Verbo se fez carne e morou em nosso meio (cf. Jo 1,14). É o fato mais decisivo da história da humanidade. “Jesus é o rosto humano de Deus e o rosto divino do homem.”⁴ É testemunha do amor infinito de Deus, que se revela em seus ensinamentos, em seus milagres e exemplo de vida. A partir da morte e ressurreição de Jesus Cristo e do envio do Espírito Santo, a Boa-Nova se espalhou para a humanidade.

¹ Cf. PAULO VI, no Documento sobre Indulgências.

² *Documento de Puebla*, n. 176.

³ Um resumo interessante da vida de Jesus é apresentado em CELAM. *Civilização do Amor*; tarefa e esperança, orientações para a pastoral da juventude latino-americana. São Paulo, Paulinas, 1997. pp. 101-121.

⁴ Cf. *Ecclesia in America*, n. 67.

56. Jesus congrega ao seu redor um círculo de discípulos e discípulas que o seguem. É nesta vida comunitária que vão aprender o sentido de vida. O relacionamento é diferente. Devem reconhecer-se como irmãos (cf. Mt 10,24-25). Os Evangelhos mencionam, em primeiro lugar, os Doze (cf. Mt 10,1) e, depois, para além desse pequeno grupo, os setenta e dois que ele envia em missão (cf. Lc 10,1) e todos os demais que o seguem (cf. Mt 8,21). Jesus sabia que não estaria muito tempo com eles. Precisava formá-los e transformá-los para a missão que deveriam assumir com seu retorno ao Pai.
57. O jovem — assim como todo cristão — é convidado por Jesus a ser discípulo. O convite é pessoal: “Vem e segue-me” (Lc 18,22). Ele sempre chama os seus pelo nome (cf. Jo 10,4). O entusiasmo provocado pelo convite é revelado por André, que corre em busca do seu irmão Simão e lhe anuncia jubiloso: “Encontramos o Messias” (Jo 1,41). O seguimento e o testemunho até dar a vida são dois aspectos essenciais da resposta do discípulo. O relacionamento entre o Mestre e o discípulo significa uma vinculação pessoal com ele: “Vós sois meus amigos” (Jo 15,14).

58. O grande modelo do seguimento é Maria. Nela descobrimos todas as características do discipulado: a escuta amorosa e atenta (cf. Lc 1,26-38), a adesão à vontade do Pai (cf. Lc 1,38), a atitude profética (cf. Lc 1,39-55) e a fidelidade a ponto de acompanhar seu filho até a cruz (cf. Jo 19,25-27) e continuar sua missão evangelizadora (cf. At 2).
59. Com efeito, o seguimento de Jesus é um exercício que inclui procedimentos próprios, fecundando o coração do discípulo e discipula, gerando uma consciência ética própria para sustentar uma conduta que no mundo aponte o compromisso com a vida e caminho do Reino definitivo. De modo especial, o discipulado se exercita no caminho catecumenal que Jesus Mestre aponta para a experiência dos seus discípulos, como apresentado em Mc 8,27-10,52. “Partindo dali, Jesus e seus discípulos atravessavam a Galiléia, mas ele não queria que ninguém o soubesse. Ele ensinava seus discípulos e dizia-lhes: ‘O Filho do Homem vai ser entregue às mãos dos homens, e eles o matarão. Morto, porém, três dias depois ressuscitará’. Mas eles não compreendiam o que lhes dizia e tinham medo de perguntar. Chegaram a Cafarnaum. Estando em casa, Jesus perguntou-lhes: ‘Que discutíeis pelo caminho?’. Eles, no entanto, ficaram calados, porque pelo caminho tinham discutido

quem era maior. Jesus sentou-se, chamou os Doze e lhes disse: ‘Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos, aquele que serve a todos!’” (Mc 9,30-35).

60. O desafio para o jovem — assim como para todos os que aceitam Jesus como caminho — é escutar a voz de Cristo em meio a tantas outras vozes. O jovem escuta a voz do Mestre de diferentes maneiras. A ação evangelizadora deve ajudá-lo a ter contato pessoal com Jesus Cristo nos Evangelhos, por meio de sua mensagem, suas atitudes, sua maneira de tratar as pessoas, sua coragem profética e a coerência entre seu discurso e sua vida. Os Evangelhos assinalam com frequência que Jesus rezava e passava horas e noites em oração diante do Pai. As celebrações e a oração são espaços importantes onde este encontro pessoal acontece e é aprofundado, no silêncio e na contemplação. O jovem encontra o Senhor na leitura dos Evangelhos e na vida comunitária, na qual aprende a escutar a voz de Deus no meio das circunstâncias próprias de nosso tempo, vivenciando assim o mistério da Encarnação.
61. A formação do discípulo acontece na vida de comunidade, onde se experimenta o mandamento novo do amor recíproco, que suscita um ambiente de alegria, de amizade, de carinho, de acolhida

e de respeito. O encontro com Cristo, presente entre aqueles que se reúnem em seu nome (cf. Mt 18,20), no amor, trará conseqüências e deixará marcas indeléveis na capacidade de relacionamento entre as pessoas, envolvendo os sentimentos, a inteligência, a liberdade e o compromisso com um novo modo de agir na Igreja e na sociedade. Comunidades e grupos assim formados atrairão os que vierem de fora.

62. Quem se torna discípulo de Jesus, transforma-se em portador de sua mensagem. Jesus chama o discípulo para enviá-lo em missão. No encontro com Cristo, o novo discípulo sente-se impelido pelo Espírito Santo a anunciar aos outros a experiência que teve com Cristo e como nele reconheceu o Messias, o Salvador. “Como o Pai me enviou, também eu vos envio. Recebei o Espírito Santo” (Jo 20,21-22). Depois da ressurreição: “Ide, fazei com que todos os povos se tornem meus discípulos” (Mt 28,19).
63. “O jovem é o evangelizador privilegiado de outros jovens.” É uma afirmação repetida em muitos documentos da Igreja. Esta missão só pode nascer do encontro pessoal com o Mestre, aprendendo a ser sempre mais semelhante a Ele. Para evangelizar, exige-se a experiência de ser evangelizado,

isto é, de ter descoberto que Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida.

64. O encontro com Jesus Cristo não é algo abstrato. É necessário caminhar com os jovens e fazer com eles a experiência de Jesus, Palavra eterna do Pai. Ele está presente na Sagrada Escritura, na liturgia, sobretudo na Eucaristia; na comunidade reunida em seu nome, nos irmãos e irmãs, especialmente nos mais necessitados.⁵ Caminhos pastorais para suscitar este encontro são a oração pessoal, o diálogo ecumênico e religioso, o cotidiano da vida (escola, bairro, trabalho, família...), as artes (música, teatro, dança...) e toda a criação, numa relação harmoniosa com as criaturas.
65. A evangelização da juventude deve incluir uma sólida formação ética, com uma proposta moral consistente. Assim, a nova Evangelização manifestará sua força missionária, sendo anunciada como Palavra viva.
66. A sensibilidade especial dos jovens para as situações de pobreza e desigualdade social nos abre um caminho espiritual e de formação de consciência. Jesus revela que o pobre é um sinal de sua presença em nosso meio. “Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era fo-

⁵ Cf. *Ecclesia in America*, n. 12.

rasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” (Mt 25,35-36). O pobre é alguém que não nos deixa dormir em paz. Jesus alerta contra o perigo da prioridade dada às riquezas materiais, raiz da má distribuição de renda. Há uma pergunta que não pode deixar de nos incomodar: Por que a verdade de nossa fé não teve maior incidência social na América Latina, num continente de cristãos? “O discípulo se compromete com coerência de vida e de ação na transformação dos sistemas políticos, econômicos, trabalhistas, culturais e sociais que mantêm na miséria espiritual e material milhões de pessoas em nosso continente.”⁶

2. Igreja, comunidade dos discípulos de Jesus

67. Quando evangelizados — com testemunho e metodologia — os jovens se empolgam com a pessoa e o projeto de Jesus Cristo. Por que, contudo, face à Igreja muitos mostram resistência? Muitos jovens têm dificuldade para entender que eles são Igreja ou não se sentem acolhidos nas comunidades. Constatamos que a imagem que muitos deles têm da Igreja é de algo ultrapassado,

⁶ CELAM. *V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe, Documento de participação*. São Paulo, Paulinas, 2005.

burocrático, e que fala uma linguagem que não se conecta com sua vida. Frequentemente compreendem-na apenas como instituição e não como a comunidade dos seguidores de Jesus. Em muitos ambientes universitários e meios de comunicação, a Igreja é apresentada como cúmplice da injustiça e, em diferentes situações históricas, contra o progresso humano. Falta aos jovens o conhecimento de tantas experiências de santidade e solidariedade na história da Igreja, tendo como protagonistas os missionários Bem-aventurado Pe. Anchieta, Pe. Manoel de Nóbrega, Bartolomeu de Las Casas. Em nosso tempo, também destacam-se outros exemplos de vida cristã, santidade e martírio: São Domingos Sávio, Santa Maria Goretti, Santo Frei Galvão, Bem-aventurada Madre Teresa de Calcutá, o Servo de Deus, João Paulo II, os brasileiros Pe. Manoel Gomes Gonzalez, o coroinha Adílio Daronch e Albertina Berkenbrock, a serem proximoamente beatificados, assim como Ir. Dulce, Dom Oscar Romero, Dom Helder Câmara, Ir. Dorothy, Pe. Josimo, Pe. Ezequiel Ramim, Dom Luciano Mendes de Almeida, Dom José Mauro Pereira Bastos e tantos outros. Nas cidades grandes, chama a atenção a ausência dos jovens na vida eclesial, de modo especial os de nível social e escolaridade mais elevada, para os quais não há um trabalho

pastoral específico. Em alguns lugares, a Igreja se afastou e os perdeu. Advertimos a respeito da necessidade urgente de apresentar missionariamente a verdadeira face da Igreja à juventude e trabalhar a relação entre fé e razão.

68. As resistências contra a Igreja se vencem progressivamente com o amadurecimento da compreensão dos contextos históricos e quando se destacam os aspectos positivos, como a credibilidade da Igreja nas pesquisas sobre as instituições sociais, como também o contato com experiências autênticas de Igreja que contradizem as afirmações negativas.
69. A Igreja é santa, mas formada por homens e mulheres marcados pela realidade do pecado. Devido à fraqueza humana, ela sofre continuamente a tentação de se afastar da mística do seu fundador. A Igreja que evangeliza precisa ser continuamente evangelizada. “Pode-se criticar muito a Igreja. Nós o sabemos e o Senhor mesmo nos disse que ela é como uma rede com peixes bons e ruins, um campo com trigo e joio. O Papa João Paulo II, que nos mostrou o verdadeiro rosto da Igreja nos numerosos beatos e santos que proclamou, também pediu perdão pelo mal causado, no correr da história, pelas palavras ou atos de homens da Igreja”.⁷

⁷ Homília de Bento XVI para mais de um milhão de jovens na Jornada Mundial da Juventude em Colônia, em 2005.

70. Mesmo com a presença significativa de jovens no espaço eclesial, constatamos a ausência da grande maioria. Isto se reflete, também, na dificuldade de atrair vocações para o ministério presbiteral, para a vida consagrada e para o laicato. Na evangelização da juventude está em jogo o presente e o futuro da Igreja. No entanto, a Igreja trabalha com a juventude não somente para buscar vocações que garantem sua continuidade mas também para despertar a riqueza que trazem, ajudando-os a descobrir a vocação para o serviço do Reino e a transformação da Igreja e de toda a sociedade.
71. É importante que os jovens sejam ajudados a entender que as ciências humanas apontam para a ambivalência de todas as estruturas. Por um lado, elas são necessárias. Sem as estruturas não há continuidade no tempo, e a mensagem original morre. A Igreja é a presença viva do Cristo atuante na história. Sem a Igreja, não estaria viva a mensagem de Jesus hoje e não teríamos os Evangelhos. Através da Igreja, uma geração de crentes passa sua fé à seguinte. Por outro lado, as estruturas se desgastam com o tempo, dificultando a compreensão da Boa-Nova, que está em sua origem. Por isso, há necessidade de renovação contínua.
72. Um caminho importante para despertar nos jovens o amor pela Igreja e o sentido de pertença a ela é

a referência às experiências das primeiras Comunidades dos Atos dos Apóstolos, para concretizar hoje a vida eclesial que nasceu do derramamento do Espírito no Pentecostes, na qual resplandecia (cf. At 2,42-47) a oração, a fidelidade à Palavra, a partilha dos bens e a Eucaristia (“Fração do Pão”).

73. Em nosso tempo, à luz do Concílio Vaticano II e de tantas manifestações dos papas e dos bispos, insiste-se na Comunhão e Participação, palavras e realidades que indicam um caminho a ser também proposto aos jovens. Sua raiz é o Batismo, pelo qual se manifesta uma igualdade fundamental entre todos os cristãos, fazendo-os todos responsáveis pela Igreja, cada qual segundo a própria vocação. A Igreja, novo povo de Deus, é descrita como Corpo de Cristo, uno na variedade dos membros, onde todos têm igual dignidade. “É uno o povo eleito de Deus: ‘Um só Senhor, uma só fé, um só batismo’;⁸ comum é a dignidade dos membros pela sua regeneração em Cristo, comum, a graça de filhos, comum, a vocação à perfeição; uma só a salvação, uma só a esperança e a unidade, sem divisão.”⁹

⁸ Cf. Ef 4,5.

⁹ CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen gentium*, n. 32.

74. Por isso, muitos documentos do Magistério pontifício e episcopal apontam para a renovação da vida da Igreja através do caminho do serviço, no qual todos os fiéis, começando dos ministros ordenados, buscam superar a tentação do autoritarismo e assumir o modelo do lava-pés, atentos à palavra do Senhor: “Sabeis que os governantes das nações as dominam e os grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim. Ao contrário, aquele que quiser tornar-se grande, entre vós, seja aquele que serve, e o que quiser ser o primeiro, dentre vós, seja o vosso servo. Desse modo, o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20,25-28). O modelo de todos é Jesus, o Bom Pastor, que conhece os seus pelo nome e está disposto a dar sua vida por eles.
75. Cada cristão, por seu batismo, é responsável pela construção da Igreja, para que ela seja um espelho do amor de Deus no mundo e sinal do Reino. “Na história da Igreja, todas as vezes que se buscaram formas mais elevadas de vida no Evangelho, colocou-se na vida fraterna seu apoio fundamental.”¹⁰ É importante que os jovens tenham a experiência de relacionamento fraterno autêntico e do exercício da autoridade como serviço em sua

¹⁰ Cf. CNBB, *Diretrizes gerais... 2003-2006*, doc. 71.

comunidade paroquial, nas comunidades eclesiais de base, nas pastorais nas quais se envolvem, nos movimentos eclesiais ou novas comunidades com os quais se comprometem, como sinal de que é possível viver com autenticidade o seguimento de Jesus.

76. Nas atividades pastorais com a juventude, faz-se necessário oferecer canais de participação e envolvimento nas decisões, que possibilitem uma experiência autêntica de co-responsabilidade, de diálogo, de escuta e o envolvimento no processo de renovação contínua da Igreja. Trata-se de valorizar a participação dos jovens nos conselhos, reuniões de grupo, assembléias, equipes, processo de avaliação e planejamento.
77. Mas a Igreja não existe somente para fortalecer a vivência da fé em comunidade. Existe para construir o Reino, e o Reino é mais amplo do que a Igreja peregrina. A Igreja, comunidade dos que crêem em Jesus, constitui na terra o germe e o início deste Reino, que, como fermento ou pequena semente, faz a massa crescer e tornar-se imensa árvore.
78. O Concílio Vaticano II propõe, como vocação da humanidade inteira, e como meta a ser efetiva e intensamente procurada, a fraternidade universal. Afirma, também, que a revelação cristã “favorece

poderosamente esta comunhão entre as pessoas”, e ao mesmo tempo leva a uma compreensão mais profunda das leis da vida social.¹¹ Se a juventude for levada a enxergar uma Igreja que procura ser isso, graças ao caminho que segue, terá menos dificuldade de assumi-la com sua alegria vibrante.

79. É importante falar da Igreja aos jovens como o Mistério que persevera através da história humana devido à presença do Espírito Santo. A Igreja existe não somente para ser um lugar de encontro agradável e de segurança dos que partilham a mesma fé; ela existe para evangelizar, isto é, para anunciar a Boa Notícia do Reino, proclamado e realizado em Jesus Cristo,¹² através de nossas fragilidades e riquezas.
80. Um grande desafio é reconhecermos que também no segmento da sociedade chamado juventude se encontram as sementes ocultas do Verbo, como fala o Decreto *Ad gentes*, do Vaticano II.¹³ Entrar

¹¹ Cf. *Gaudium et spes*, n. 38. Outros textos relevantes são *Gaudium et spes*, n. 78b (a fraternidade universal é condição da paz) e *Gaudium et spes*, n. 92 (o diálogo em vista da fraternidade, respeitando a diversidade de etnias, culturas e religiões). A fraternidade universal é ressaltada também como fim do anúncio de Cristo (*Ad gentes*, n. 8) e do apostolado dos cristãos leigos (*Apostolicam actuositatem*, p. 14) e fundamento da oposição da Igreja a toda forma de discriminação das pessoas humanas (*Nostra aetate*, n. 5).

¹² Cf. EN, n. 14.

¹³ AG, n. 11.

em contato com o “divino” da juventude é entender sua psicologia, sua biologia, sua sociologia e sua antropologia com o olhar da ciência de Deus. O jovem necessita que falemos para ele não somente de um Deus que vem de fora mas também de um Deus que é real dentro dele em seu modo juvenil de ser alegre, dinâmico, criativo e ousado. A evangelização da Igreja precisa mostrar aos jovens a beleza e a sacralidade da sua juventude, o dinamismo que ela comporta, o compromisso que daqui emana, assim como a ameaça do pecado, da tentação do egoísmo, do ter e do poder e, com isto, auxiliar também na conscientização de tudo aquilo que procura danificar esta obra de Deus. Uma verdadeira espiritualidade possibilita ao jovem encontrar-se com a realidade sublime que há dentro dele, manter um diálogo constante com aquele que o criou.

81. Considerar o jovem como lugar teológico é acolher a voz de Deus que fala por ele. A novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é sua teologia, isto é, o discurso que Deus nos faz através da juventude. De fato, Deus nos fala pelo jovem. O jovem, nesta perspectiva, é uma realidade teológica, que precisamos aprender a ler e a desvelar. Não se trata de sacralizar o jovem, imaginando-o como alguém que não

erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil. Trata-se de fazer uma leitura teológica do que, de forma ampla, chamamos de culturas juvenis. Numa época em que se fala tanto de inculturação ou — em outros termos — de encarnar-se na realidade, de aceitar o novo, o plural e o diferente, na evangelização da juventude, estaremos diante de feições muito concretas e imprevisíveis. Dizer que, para a Igreja, a juventude é uma prioridade em sua missão evangelizadora, é afirmar que se quer uma Igreja aberta ao novo, é afirmar que amamos o jovem não só porque ele representa a revitalização de qualquer sociedade mas também porque amamos, nele, uma realidade teológica em sua dimensão de mistério inesgotável e de perene novidade.

3. Construção de uma sociedade solidária

82. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil afirmam que “participar da construção de uma sociedade justa e solidária constitui um dos objetivos da ação evangelizadora da Igreja no Brasil”.¹⁴

¹⁴ Um breve resumo do empenho da Igreja na solidariedade com todos se encontra em CNBB, *Diretrizes gerais... 2003-2006*, doc. 71, nn. 152-175.

83. A evangelização dos jovens não pode visar somente a suas relações mais próximas — como o grupo de amigos, a família —, a amizade, a fraternidade, a afetividade, o carinho, as pequenas lutas do dia-a-dia. A ação evangelizadora deve também motivar o envolvimento com as grandes questões que dizem respeito a toda a sociedade, como a economia, a política e todos os desafios sociais de nosso tempo. Há necessidade de animar e capacitar o jovem para o exercício da cidadania, como uma dimensão importante do discipulado. A dimensão política e social da fé, contudo, deve ser apresentada aos jovens de maneira que não se reduza a apenas uma ideologia.
84. A sociedade brasileira é, hoje, uma das mais desiguais do mundo.¹⁵ Tal situação reflete um modelo social que propõe um ideal de consumo ilusório e inatingível para os pobres, somente possível para os mais ricos. Esse modelo alimenta a difusão da violência, resultado dos muitos conflitos e tensões produzidos por um mundo desigual, incapaz de respeitar a dignidade das pessoas. Uma desigualdade que, aos olhos do cristão, é um escândalo e, ao mesmo tempo, um desafio, diante do qual não

¹⁵ Com pequenas oscilações, os pobres se apropriam de 12 a 14% da renda nacional. Os 10% mais ricos se apropriam de cerca de 50% da renda nacional (cf. HENRIQUES, Ricardo [org.]. *Desigualdade e pobreza no Brasil*. Brasília, Ipea, 2000. pp. 21-47).

basta protestar ou lamentar, mas é preciso redobrar com lucidez e perseverança o empenho na construção de uma sociedade justa e solidária.

85. O cristão se identifica com aquele que é o “bom samaritano”, que socorre a vítima dos assaltantes, símbolo de toda vítima inocente do mal do mundo, sem se perguntar sobre a raça ou a religião dele. Ele cura inúmeras pessoas, vítimas da doença ou daquelas forças malignas que atacam os seres humanos. Ele traz uma palavra de esperança aos pobres e reparte o pão com eles, promessa de um futuro diferente, de um outro mundo possível. Ele acolhe e perdoa os pecadores. Ele é misericordioso. Estende a mão para levantar o caído, acolhe com abraço o que volta arrependido e vai ao encontro do afastado. Devolve o ser humano às suas tarefas, às suas responsabilidades e à sua dignidade.¹⁶

4. Pronunciamentos do Magistério sobre a juventude

86. O Magistério da Igreja se ocupou muitas vezes da evangelização da juventude.¹⁷ Apresentamos alguns ensinamentos da Igreja que podem bali-

¹⁶ Cf. Lc 15,11ss; Jo 8,1-11; Lc 23,39-43.

¹⁷ No Anexo 4 temos um aprofundamento deste tema.

zar as atividades que posteriormente queremos propor, em vista de um novo impulso em tão importante tarefa pastoral. É saudável e inspirador alimentar-nos do Magistério da Igreja com relação à evangelização da juventude. Claro que seria impossível apresentar tudo o que se fez e se falou sobre juventude; portanto, chamamos atenção aqui somente para alguns textos.

87. João Paulo II, na *Christifideles laici*, retomou a riqueza do que o Concílio Vaticano II falou sobre a juventude, afirmando que a Igreja tem tantas coisas para dizer aos jovens, e os jovens têm tantas coisas para dizer à Igreja. Este diálogo recíproco, que deverá fazer-se com grande cordialidade, clareza e coragem, favorecerá o encontro e o intercâmbio das gerações, e será fonte de riqueza e de juventude para a Igreja e para a sociedade civil. Na sua mensagem aos jovens o Concílio diz: “A Igreja olha para vós com confiança e amor [...]. Ela é a verdadeira juventude do mundo [...]. Olhai para ela e nela encontrareis o rosto de Cristo”.¹⁸
88. Continua atual o desafio lançado por João Paulo II aos jovens brasileiros: “É urgente colocar Jesus como alicerce da existência humana. Os melhores amigos, seguidores e apóstolos de Cristo foram sempre aqueles que perceberam, um dia, dentro

¹⁸ Cf. Exortação Apostólica *Christifideles laici*, n. 46.

de si, a pergunta definitiva, incontornável, diante da qual todas as outras se tornam secundárias: ‘Para você, quem sou eu?’ A vida, o destino, a história presente e futura de um jovem dependem da resposta nítida e sincera, sem retórica, sem subterfúgios, que ele puder dar a esta pergunta. Ela já transformou a vida de muitos jovens”.¹⁹

89. Já em Medellín, o episcopado da América Latina referia-se à juventude como “uma grande força nova de pressão” e como “um novo organismo social com valores próprios”.²⁰ A Igreja vê na juventude a constante renovação da vida da humanidade. A juventude é o símbolo da Igreja, chamada a uma constante renovação de si mesma. Por isso ela quer desenvolver, dentro da pastoral de conjunto, uma autêntica Pastoral da Juventude, educando os jovens a partir de sua vida, permitindo-lhes plena participação na comunidade eclesial.
90. Em Puebla, o episcopado faz duas opções preferenciais que marcaram a Conferência: a opção preferencial pelos pobres e pelos jovens. Falando das opções pastorais, a Conferência inicia dizendo

¹⁹ João Paulo II aos jovens brasileiros em Belo Horizonte (1/7/1980) em *A palavra de João Paulo II no Brasil*. São Paulo, Paulinas, 1980. pp. 37 e 38.

²⁰ Valemo-nos de *Conclusões de Medellín*; II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Uma publicação do Regional Sul 3 da CNBB, 1968. Referimo-nos ao capítulo sobre juventude, pp. 32-37.

que a Igreja confia nos jovens, sendo eles a sua esperança. Por ser dinamizadora do corpo social e especialmente do corpo eclesial, a Igreja faz uma opção preferencial pelos jovens com vistas à sua missão evangelizadora no continente.

91. Em Santo Domingo, os bispos reafirmam a opção preferencial pelos jovens feita em Puebla, de modo não só afetivo mas também efetivamente: opção por uma Pastoral Orgânica da Juventude, com acompanhamento, com apoio real, com diálogo, com maiores recursos pessoais e materiais e com dimensão vocacional.
92. O Episcopado Brasileiro ressalta: “Cuidado particular merecem os jovens, considerando-se a situação que encontram na sociedade de hoje. Ela lhes apresenta uma oferta imensa de experiências potenciais e de conhecimentos, mas não lhes fornece recursos adequados para satisfazer suas aspirações. Além disso, muitas vezes os desvia para caminhos ilusórios de busca do prazer. Os jovens são um grande desafio para o futuro da Igreja”,²¹ que deve torná-los “protagonistas da evangelização e artífices da renovação social”.²²

²¹ CNBB, *Diretrizes gerais...*, doc. 71, n. 198.

²² JOÃO PAULO II, *Christifideles laici*, n. 46; cf. também CNBB, *Diretrizes gerais...*, doc. 61, nn. 236 e 237.

III. LINHAS DE AÇÃO

93. Depois de analisar a realidade e o perfil desta nova geração de jovens, na primeira parte deste documento, e, em seguida, confrontar esta realidade juvenil com os princípios da fé, queremos apresentar alguns desafios, princípios orientadores e linhas de ação que brotam desta realidade e das diversas experiências positivas que já vêm acontecendo em nossa Igreja.
94. “Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi” (Jo 15,16). Do encontro pessoal com Jesus Cristo nasce o discípulo, e do discipulado nasce o missionário. O encontro pessoal é a primeira etapa. Em seguida, nasce um itinerário, em cujas etapas vai amadurecendo pouco a pouco o compromisso com a pessoa e o projeto de Jesus Cristo, à luz do mistério pascal. Cada etapa abre horizontes ao jovem para definir seu projeto de vida. O jovem aprende a escutar o chamado de Cristo; a buscar uma vida interior de valores evangélicos; a sair do individualismo para pensar e trabalhar com os outros; a participar de uma comunidade eclesial concreta; a se sensibilizar, como o bom samaritano, com o sofrimento alheio; a participar de uma pastoral orgânica com os outros; a entender que a luta pela justiça é um elemento

constitutivo da evangelização; e a se comprometer de maneira decisiva com a missão. Estas etapas devem levar a uma opção vocacional, entendida como vocação de leigo ou vocação de especial consagração, como presbítero ou religioso(a). O que sustenta a caminhada é a graça de Deus.

95. Acreditamos que para responder de maneira qualificada aos anseios da juventude, às necessidades da Igreja e aos sinais dos tempos, necessitamos das seguintes *linhas de ação*:

1ª linha de ação:

FORMAÇÃO INTEGRAL DO(A) DISCÍPULO(A)

2ª linha de ação:

ESPIRITUALIDADE

3ª linha de ação:

PEDAGOGIA DE FORMAÇÃO

4ª linha de ação:

DISCÍPULOS E DISCÍPULAS PARA A MISSÃO

5ª linha de ação:

ESTRUTURAS DE ACOMPANHAMENTO

6ª linha de ação:

MINISTÉRIO DA ASSESSORIA

7ª linha de ação:

DIÁLOGO FÉ E RAZÃO

8ª linha de ação:

DIREITO À VIDA

1ª linha de ação: FORMAÇÃO INTEGRAL DO(A) DISCÍPULO(A)

DESAFIOS E PRINCÍPIOS ORIENTADORES

96. Desafia-nos, de modo especial, a promoção de um processo de evangelização que leve em conta as diferentes dimensões da formação integral num caminho que desperte e cultive os jovens e a comunidade eclesial para a irrenunciável dimensão vocacional do grupo.¹ O conceito de formação integral é importante para considerar o jovem como um todo, evitando assim reducionismos que distorçam a proposta de educação na fé, reduzindo-a a uma proposta psicologizante, espiritualista ou politizante.²

¹ “Um grupo não nasce pronto, nem nasce ‘grupo’. Como a pessoa, ele precisa ser preparado e ‘convocado à vida’. Precisa ser ‘gestado’, para depois nascer como grupo, passar pelas diversas etapas de crescimento até chegar à maturidade. Como a gente, o grupo também morre um dia: alguns precocemente, outros depois de cumprirem sua missão e darem frutos — ‘Se o grão de trigo não morrer...’. É preciso, pois, conhecer as etapas de um planejamento pelas quais passa o grupo, a fim de poder, como assessor(a), orientar o processo. Faz-se necessário, igualmente, um plano de formação que oriente o processo e possibilite o seu acompanhamento em cada etapa” (TEIXEIRA, Carmem Lúcia [org.]. *Passos na travessia da fé*; metodologia e mística na formação integral da juventude. São Paulo, CCJ, 2005. p. 34). O caminho vocacional descrito aqui pode ser visualizado no gráfico B do Anexo 5.

² Estas dimensões podem ser visualizadas no gráfico A do Anexo 5.

97. O discipulado começa com o convite pessoal de Jesus Cristo: “Vem e segue-me” (Lc 18,22). Na formação para o discipulado é necessário partir de uma formação integral. Quem trabalha na formação de jovens necessita estar atento às cinco dimensões: psicoafetiva, psicossocial, mística, sociopolítico-ecológica e capacitação. Trata-se de efetivar, pedagogicamente, um conceito que se encaixa no contexto da sensibilidade da cultura jovem e aponta para uma nova síntese que integre o racional com o simbólico, a afetividade, o corpo, a fé e o universo. Cada uma das cinco dimensões é vista como uma relação que o jovem tem com um aspecto da sua vida, respondendo às perguntas de fundo que todo ser humano faz, consciente ou inconscientemente.

Dimensão psicoafetiva – Processo da personalização

98. As perguntas de fundo são: Quem sou eu? Qual é a relação comigo mesmo? São perguntas importantes para o autoconhecimento e para a construção da personalidade do jovem. Sem a capacidade de autoconhecimento e autocrítica, o jovem é incapaz de analisar as situações com objetividade, de administrar os conflitos e de se relacionar com outros de uma maneira equilibrada. Sem

esta dimensão torna-se difícil o silêncio interior e o encontro com Deus na oração e a verdadeira conversão.

Dimensão psicossocial – Processo de integração

99. As perguntas de fundo são: Quem é o outro? Como relacionar-me com ele? Como tratar as relações de gênero? Como entender o relacionamento virtual hoje existente? Essa dimensão acentua a importância das relações entre as pessoas que acontecem, por exemplo, nas amizades, nos grupos, na vida em comunidade, na família, no meio ambiente. A felicidade do jovem depende da sua capacidade de comunicar-se com os outros, num diálogo que considera e respeita a cultura.
100. A amizade é algo natural e importante na vida do jovem. Face a uma cultura contemporânea que incita à concorrência, o Evangelho propõe um relacionamento baseado no amor e no serviço.
101. A evangelização da nova geração de jovens precisa ir além do nível das idéias e da formação teórica. Não se constrói a comunidade cristã somente com idéias. Há necessidade de descer ao nível da afetividade, de viver relações de fraternidade voltadas para o discipulado. “Nosso esforço será criar condições para que as pessoas possam viver relações de solidariedade e de fraternidade

que permitam sua maior realização, no contexto atual.”³ Comunidade pressupõe amizade, calor humano, a aproximação afetiva e um projeto de vida em comum.

102. Essa dimensão busca motivar o jovem para o envolvimento na comunidade eclesial. À medida que ele se sente valorizado em suas capacidades, consegue perceber o valor de caminhar com aqueles que partilham da mesma fé em Jesus Cristo. Além do mais, pouco a pouco, vai se envolvendo nas suas atividades e se corresponsabilizando na sua missão. Os Atos dos Apóstolos descrevem a comunidade dos primeiros cristãos como sendo “um só coração e uma só alma” (At 4,32), e isto o jovem vai experimentando na vida comunitária.
103. A sexualidade, dom de Deus, é uma dimensão constitutiva da pessoa humana, que nos impulsiona para a realização afetiva no relacionamento com o outro. Porém, os jovens vivem, hoje, em um ambiente erotizado em que a sexualidade é, infelizmente, banalizada e freqüentemente transformada em meio egoísta de prazer e de manipulação e corrupção das relações mais profundas entre as pessoas. Neste contexto é importante desenvolver um programa de educação para o amor que integre a sexualidade em um projeto

³ Cf. CNBB, *Diretrizes gerais... 2003-2006*, doc. 71, n. 113.

mais amplo de crescimento e maturidade no qual ela seja baseada na liberdade e não no medo; leve em conta as exigências da ética cristã; leve ao amor e à responsabilidade; desperte para a auto-estima, principalmente no cuidado com o corpo do próprio jovem e dos outros; tenha Deus, criador da vida, da sexualidade e da alegria, como sua fonte de inspiração.

104. Um dos importantes espaços de formação acontece no relacionamento familiar. Atingida por tantos fatores externos, nem sempre a família é capaz de cultivar valores essenciais para a vida. O jovem, então, exercitando no seio da família o amor, o perdão, a paciência, o diálogo, o serviço, vai amadurecendo como pessoa e, enquanto se forma, vai, ele mesmo, sendo portador de valores em benefício da família.

Dimensão mística – Processo teológico-espiritual

105. As perguntas de fundo são: Qual é a minha relação com Deus? De onde vim? Para onde vou? Qual o sentido da minha vida? Qual o sentido da morte? Qual o sentido do sofrimento?
106. A dimensão teológica é cultivada no estudo, na catequese e no aprofundamento dos dados básicos da fé. Desse aprofundamento faz parte a iniciação à leitura da Palavra de Deus, do conhecimento de

Jesus Cristo e da Igreja. A dimensão espiritual corresponde à experiência de Deus. Isso pode ser feito através de retiros, da vivência sacramental, da oração e do serviço aos pobres. Não basta estudar Deus; é necessário também ter uma experiência de Deus. A relação com Deus está também presente nas outras dimensões e as ilumina. Os aspectos teológico e espiritual não só caminham juntos mas também se complementam.

Dimensão sociopolítico-ecológica – Processo de participação-conscientização

107. As perguntas de fundo são: Qual a minha relação com a sociedade ao meu redor? Como organizar a convivência social? Podemos mudar a sociedade? Como me percebo como “ser” integrado à natureza? A consciência da cidadania faz ver que todo poder emana do povo e em seu nome é exercido. Essa dimensão abre o jovem para os problemas sociais locais, nacionais e internacionais: problemas de moradia, saúde, alimentação, má qualidade da educação, direitos humanos desrespeitados, discriminação contra a mulher, violência, guerra, ecologia, biodiversidade. Não se pode pregar um amor abstrato que encobre os mecanismos econômicos, sociais e políticos geradores da marginalização de grandes setores de nossa população. Aqui há

necessidade de formar o jovem para o exercício da cidadania e direitos humanos à luz do ensino social da Igreja. Há necessidade de conectar a fé com a vida, a fé com a política.

Dimensão de capacitação – Processo metodológico

108. As perguntas de fundo são: Qual é a minha relação com a ação? “A fé sem ação”, diz São Tiago, “está morta”. Como trabalhar? Como me organizar através de um consistente projeto pessoal de vida? Como administrar meu tempo? Como organizar as estruturas de coordenação que facilitam o acompanhamento sistemático, a comunicação, o aprofundamento e a continuidade? Como coordenar uma reunião de grupo e assegurar conclusões concretas? Como montar um curso? Como avaliar e acompanhar sistematicamente, no dia-a-dia, os processos grupais de educação na fé? Como planejar e avaliar a ação evangelizadora? As habilidades são necessárias para acompanhar as estruturas de apoio para o processo de evangelização dos jovens. Sem estas habilidades, os projetos pastorais não caminham.

PISTAS DE AÇÃO

109. Avaliar periodicamente a situação pastoral para verificar se todas as dimensões da formação in-

tegral estão sendo contempladas, no processo de evangelização dos jovens, identificando as lacunas a serem preenchidas.

110. Fazer um trabalho de conscientização vocacional, ajudando o jovem a definir e a elaborar o seu projeto de vida, contemplando todas as dimensões da formação.
111. Organizar uma catequese crismal que, estando atenta à formação integral dos jovens, procure oferecer-lhes, enquanto estão no processo catequético, oportunidades significativas de vivência grupal, de atividades comunitárias, de meditação da Palavra de Deus, de experiência de oração, engajamento nas pastorais existentes nas comunidades etc.
112. Mobilizar as escolas para que elas garantam em todo o processo pedagógico uma formação integral dos jovens.
113. Envolver as famílias nos diferentes programas da ação evangelizadora, orientando-as a contribuir de forma mais intensa na educação da fé de seus filhos e buscando parceria com a Pastoral Familiar.
114. Elaborar subsídios que favoreçam o amadurecimento juvenil e promover cursos e encontros com temáticas relacionadas à educação para o amor, corporeidade, homossexualidade, questões de gênero, etnia, entre outras.

115. Estimular uma prática humanizadora com jovens por meio da elaboração e prática de novas maneiras de relacionamento que superem as contradições existentes e garantam o exercício do poder coletivo, da iniciativa e da criatividade de seus participantes, além de estimular o processo de formação integral, a comunhão, a comunicação e o Mistério da Encarnação — Mistério da transformação do Reino de Deus concretizado na capacidade de as pessoas se amarem.

2ª linha de ação: ESPIRITUALIDADE

DESAFIOS E PRINCÍPIOS ORIENTADORES

116. A rapidez das mudanças, os atrativos de diferentes níveis e a agitação do cotidiano desafiam a vivência de uma verdadeira espiritualidade. Muitos jovens não vivem num contexto cristão, numa família cristã, não foram iniciados na fé.
117. Por isso, todos nós — pastores, agentes de pastoral, catequistas, educadores de jovens, pais de família, lideranças — perguntamos: Como provocar no jovem o desejo do seguimento ao Senhor? Como motivá-lo a uma espiritualidade compreensível e acessível, cheia de sentido, gosto, orientação, segurança e alegria de viver? Como trabalhar a

espiritualidade segundo a opção pelos pobres e o compromisso com a construção de uma sociedade justa e solidária, a Civilização do Amor?

118. A vocação à santidade e a certeza de que a juventude é um lugar teológico da comunicação de Deus desafiam a Igreja a uma proposta de espiritualidade como caminho que dê sentido à vida, em um constante diálogo com o Pai, através de Jesus, no Espírito Santo. Consoante com os tempos e com as características juvenis, a espiritualidade proposta aos jovens deve contemplar a alegria, o movimento, a expressão corporal, a música, os símbolos, o envolvimento com a vida, a amizade, a convivência, a espontaneidade etc.
119. A espiritualidade é a motivação central e a bússola para orientar a vida de acordo com a vontade de Deus. Dessa forma, propomos aos jovens uma mística: centrada em Jesus Cristo e no seu projeto de vida; acolhedora do cotidiano como lugar privilegiado de crescimento e santificação; alegre e cheia de esperança; marcada pela experiência comunitária onde se medita a Palavra de Deus e se celebra a Eucaristia; apoiada no modelo do “sim” de Maria e na certeza de sua presença materna e auxiliadora; conduzida pelo compromisso com o Reino, traduzida no compromisso com a transformação social a partir da sensibilidade diante do sofrimento do próximo.

120. Para alimentar constantemente a espiritualidade cristã, o jovem necessita encontrar instrumentos, pessoas e momentos que o marquem profundamente, provocando nele o desejo de verdadeira mudança. Estes meios colocam o jovem num processo constante de revisão de vida e de discernimento vocacional diante de Deus e diante do mundo. Além disso, o jovem que, ao optar pelo Senhor, assume uma nova postura diante da vida é, naturalmente, percebido, notado, admirado e seguido pelos seus companheiros: “Jovens evangelizando jovens”. Entre tantos meios para este exercício cotidiano de crescimento na fé, destacamos:
121. A ORAÇÃO PESSOAL: o diálogo pessoal, íntimo, profundo com Jesus Cristo, no Espírito Santo, nos fortalece na dignidade de filhos diante do Pai. O jovem é criativo quando se sente à vontade com Deus e amado por Ele. Olhando para Jesus, que não se cansava de rezar ao Pai, principalmente nos momentos de maiores decisões, o jovem se sente motivado a fazer o mesmo. Além do mais, tudo pode ser matéria de oração e de conversa com aquele que só deseja a entrega total, irrestrita, constante a ele e, por isso, doação aos irmãos e irmãs. A sintonia com Jesus Cristo cura as feridas, corrige os passos, orienta a vida, perdoa

os pecados, acorda do comodismo e da inércia, critica as omissões e dá a alegria de viver. Não dá para ser de Cristo se não se reservam momentos especiais para estar com ele. Este contato amigo anima à conversão, à retomada do projeto de vida, ao desejo de santidade, ao discernimento vocacional, ao compromisso com os mais pobres e sofredores, ao envolvimento na comunidade, ao fortalecimento da fé, da esperança e do amor.

122. A ORAÇÃO COMUNITÁRIA: nem sempre é fácil rezar com os outros, mas sabemos o quanto isto é importante para a espiritualidade cristã. Em comunidade, eleva-se a Deus uma voz uníssona. Juntos louvamos, pedimos, agradecemos, choramos, cantamos, silenciemos. Em comunidade, apresentamos a Deus os sucessos, as fraquezas, os sonhos, as lutas do povo. As celebrações são momentos fortes de espiritualidade. Entre elas, destacamos a missa dominical. Ela ultrapassa os dias, as preocupações, as frustrações, os problemas, o cansaço, tão presentes na rotina dos outros dias da semana. Domingo é o dia de encontrar-se com os outros jovens e irmãos, também eles desejosos de novas respostas e forças para o seu cotidiano. Domingo é o dia do Senhor. É preciso recuperá-lo como um dia especial de revigoramento espiritual, em que a Eucaristia ocupa lugar central.

123. **A PARTICIPAÇÃO NA COMUNIDADE:** desde o início da História da Salvação Deus forma um povo e vai se comunicando com ele, num processo constante de diálogo, convite à conversão e ao compromisso, com promessas de felicidade e fidelidade. Deus quis salvar a pessoa não isoladamente mas participante de um povo que o conhecesse na verdade e santamente o servisse (cf. LG, n. 9). A espiritualidade da comunhão fraterna é essencial na vida cristã e todo jovem é convidado, desde cedo, a fazer esta experiência fundante da fé através de seu envolvimento nas diversas responsabilidades assumidas na comunidade. O nosso testemunho de unidade, cultivado no exercício de cada membro de uma mesma comunidade, mostrará ao mundo a força transformadora da religião bem vivida. Ao lado dos outros, descobrimos não só o que temos de comum ou de diferente, mas acreditamos na comunicação de Deus que se serve de todos para falar a todos.

124. **A LEITURA ORANTE DA BÍBLIA (LOB):** é um método que vem de antiga tradição da Igreja para ajudar no estudo e oração da Bíblia. Ele contempla quatro passos: leitura, meditação, oração e contemplação da Palavra de Deus. É também chamada de *Lectio Divina*. Deus, querendo deixar registrado na história todo o seu projeto e sua vontade, serviu-se

de várias pessoas para escrever as experiências, as maravilhas, as quedas, as lutas, as fraquezas e as conquistas do seu povo. Quanto mais mergulhamos nas Escrituras, mais nos identificamos com este povo e adquirimos entendimento do que somos, para onde vamos e o que devemos fazer. Nas Sagradas Escrituras entra-se em contato com o povo que — seguro da escolha de Deus — nunca desanima e sempre se mostra criativo para enfrentar o mundo e propor novos caminhos. Jesus Cristo — a Palavra de Deus por excelência —, ao se colocar como “Caminho, Verdade e Vida” (Jo 14,6) nos convida a conhecê-lo profundamente. Assim, crer na Palavra de Deus é essencial para um processo de crescimento do jovem que quer se comprometer cada vez mais com este projeto do Criador.

125. A VIVÊNCIA DOS SACRAMENTOS: de maneira toda especial encontramos-nos com Jesus na celebração dos sacramentos. O jovem, batizado, desejoso de se tornar adulto na fé, descobre, através da preparação e da celebração do sacramento da *Crisma*, uma ocasião de receber os dons do Espírito Santo e de ser ungido, isto é, consagrado para a missão. É importante que esta preparação leve o adolescente e o jovem a ter uma experiência comunitária da fé! Animado porque a Igreja

reconhece este grau de maturidade, o jovem se alimenta constantemente da misericórdia de Deus e do Pão descido do céu. O sacramento da *Reconciliação*, preparado de maneira adequada e jovial, é capaz de envolver e regenerar aquele que, nesta fase delicada da vida, se sente bastante agredido, atormentado, seduzido por tantos contra-valores da sociedade comodista e hedonista. Deus, que perdoa, também oferece um alimento eficaz ao jovem fraco e frágil: o Corpo e o Sangue de seu amado Filho Jesus. A evangelização da juventude precisa ter um coração eucarístico! A comunhão *eucarística*, o exercício da adoração ao Santíssimo e tantas outras manifestações litúrgicas, com linguagem apropriada, revigoram a vida do jovem e o incentivam a ser, também ele, pão para as necessidades do próximo.

126. A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA: o reconhecimento da presença materna de Maria se desenvolve a partir das celebrações litúrgicas e das diversas expressões da piedade popular. Entre elas destaca-se a reza do terço, com a qual, enquanto o jovem se sente abraçado pela Mãe, medita os mistérios da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. De grande valia são também as celebrações e as festas marianas, as peregrinações aos santuários de Nossa Senhora, as procissões em sua homenagem.

Ao mesmo tempo em que a comunidade em suas orações apresenta os jovens a Maria, ela, também, apresenta Maria aos jovens.

127. OS DIVERSOS ENCONTROS ESPIRITUAIS: nossa tradição eclesial comprova o valor perene de momentos especiais para os jovens e com os jovens, cuja finalidade é a formação e a espiritualidade. Encontros, jornadas e manhãs de formação são capazes de congregar muitos jovens interessados em encontrar algo mais profundo, desafiador, envolvente. Palestras bem ministradas e o clima de amizade são capazes de mexer com a vida dos jovens dando-lhes rumo, segurança, serenidade. Os diversos tipos de retiros, vigílias, celebrações provocam nos jovens grandes questionamentos e desejo de mudança de vida, principalmente quando são confrontados com a pessoa e a proposta de Jesus Cristo. Estes momentos devem ser bem organizados e conduzidos, de maneira que as várias dimensões da vida sejam contempladas, e não se tornem demasiadamente emocionais ou reivindicativas. Outras ocasiões fortes de espiritualidade juvenil podem ser romarias, caminhadas, peregrinações, acampamentos que, pedagogicamente, ensinam e vivenciam valores como o sacrifício, a renúncia, a perseverança. Sabendo que os jovens vivem aí momentos de abertura e

acolhida, precisamos ser criativos nos convites, nas propostas, na linguagem e na condução destes momentos de graça.

128. AS LEITURAS E REFLEXÕES: são de grande valia as leituras teológicas, espirituais e documentos da Igreja como instrumento para o fortalecimento e o crescimento da fé. A leitura da vida dos santos e de seus escritos pode contribuir enormemente para despertar ou alimentar a vida dos jovens que hoje, mais do que nunca, sentem necessidade de modelos, líderes, testemunhos. Na história da nossa Igreja temos muitos santos e bem-aventurados jovens como, por exemplo: Inês, Tarcísio, Domingos Sávio, Albertina Berkenbrock etc. A devoção aos santos lembra aos jovens a sua vocação à santidade.

PISTAS DE AÇÃO

129. Orientar o jovem sobre o valor da oração pessoal, tornando-a, pouco a pouco, um hábito de vida.
130. Proporcionar aos jovens uma liturgia inculturada que contemple alegria e profundidade, espontaneidade e respeito, passado e presente, silêncio e movimento, linguagem nova e tradição.
131. Motivar o jovem para a participação na Eucaristia dominical e facilitar o acesso ao sacramento da Reconciliação.

132. Orientar o jovem a rezar em comunhão com a Igreja, incentivando também a utilização do *Ofício Divino das Comunidades* e *Ofício Divino da Juventude*, oferecendo capacitação para a utilização dos mesmos.
133. Motivar no jovem o diálogo inter-religioso e a abertura para a irrenunciável dimensão ecumênica da vida cristã.
134. Envolver os líderes jovens nas diversas instâncias de decisão e organização comunitária, inclusive nos diversos conselhos.
135. Favorecer acesso, compreensão, instrumentos adequados, cursos para que o jovem possa aprofundar as Sagradas Escrituras.
136. Incentivar a Leitura Orante da Palavra de Deus (*Lectio Divina*) com os jovens, principalmente com as lideranças juvenis.
137. Oferecer de maneira criativa e atraente roteiros de formação para os sacramentos da iniciação cristã e da Reconciliação.
138. Oferecer meios formativos que proporcionem gradativamente aos jovens acolhida consciente dos sacramentos do Matrimônio e da Ordem, ou da vida consagrada.
139. Desenvolver a espiritualidade mariana com os jovens, principalmente no tempo do advento, no mês de maio e nas festas marianas, mostrando-

lhes a coragem de alguém que pautou sua vida segundo o projeto de Deus.

140. Organizar encontros de formação espiritual e retiros com os jovens.
141. Facilitar a circulação ou aquisição de livros, subsídios e filmes de homens e mulheres que responderam positivamente ao chamado à santidade.

3ª linha de ação: PEDAGOGIA DE FORMAÇÃO

DESAFIOS E PRINCÍPIOS ORIENTADORES

142. Há necessidade de desenvolver uma pedagogia de formação integral que conquiste e envolva os jovens num itinerário que os leve ao amadurecimento na fé, tendo em conta as diferentes realidades e ambientes juvenis, “indo ao encontro dos jovens onde eles estão”.⁴
143. A Igreja enfrenta o desafio de evangelizar uma geração com características diferentes das gerações anteriores. Trata-se de uma geração formada pela imagem, acostumada com estímulos constantes para manter sua atenção, para quem o “sentir” é

⁴ Ressaltamos a questão do *ambiente* onde os jovens e as jovens estão inseridos como parte essencial no processo de evangelização da juventude. Destacamos aqui a importância do trabalho junto às escolas, em especial, de ensino médio, por agruparem um grande contingente de jovens em contínuo processo de formação.

mais importante do que o “pensar”, que, às vezes, tem um “eu” muito fragilizado, com dificuldade de adesão a compromissos de longo prazo, aberta à dimensão espiritual da vida, mas que frequentemente rejeita a religião institucionalizada.

144. Por outro lado, na sua vulnerabilidade, essa juventude possui um grande potencial. Para abrir a porta deste potencial e deixar desabrochar o idealismo e o espírito de doação natural do jovem, há necessidade de uma chave pedagógica. Trata-se do conjunto de métodos usados que envolvem a maneira de ser, de viver e de comunicar-se dos agentes de evangelização.
145. Para evangelizar esta nova geração de jovens que descrevemos anteriormente, contamos com a rica experiência acumulada e sistematizada pela Igreja na América Latina e no Brasil. Salientamos:

Prioridade da experiência sobre a teoria

146. No contexto da cultura contemporânea, a formação teórica é normalmente o ponto de chegada e não de partida. O primeiro passo no processo de evangelização é provocar interesse da parte do jovem. Para isso, partimos das suas necessidades e aspirações e usamos uma linguagem que tenha significação para ele. Esta pedagogia inspira-se no método usado por Jesus (Zaqueu – Lc 19,1-10,

Discípulos Emaús – Lc 24,13-35, Nicodemos – Jo 3,1-21, Mulher Samaritana – Jo 4,1-42).

147. Trata-se de caminhar e dialogar com os jovens, partindo das suas vidas e preocupações, iluminando estas preocupações com a dimensão da fé e incentivando a uma ação concreta de mudança pessoal ou de situações. A evangelização dos jovens exige uma nova linguagem para se comunicar com eles. Nessa tarefa, o método Ver-Julgar-Agir-Celebrar pode ser uma ferramenta importante.
148. Integrar o racional com o simbólico, a afetividade, o corpo e o universo. Esta abordagem deve estar presente nos diferentes momentos de formação dos jovens: na vida dos grupos, nas reuniões de coordenação, nos cursos, nos retiros, nas celebrações litúrgicas para jovens e nas atividades desenvolvidas em conjunto. Para esta finalidade é importante a acolhida, a experiência de fraternidade, a utilização da música, dos testemunhos pessoais nas palestras, das dinâmicas e dos simbolismos. Para muitos jovens o encontro com Jesus Cristo passa, num primeiro momento, pela vida afetiva, no sentir-se acolhido e estar num ambiente de alegria e amizade.
149. Recomendamos este método definido no documento da *Catequese renovada* como “princípio metodológico da interação fé e vida”. “Na cateque-

se realiza-se uma interação (um relacionamento mútuo e eficaz entre a experiência de vida e a formulação da fé, entre a vivência atual e o dado da Tradição). De um lado, a experiência da vida levanta perguntas; de outro, a formulação da fé é busca e explicitação das respostas a essas perguntas. De um lado, a fé propõe a mensagem de Deus e convida a uma comunhão com Ele; de outro, a experiência humana é questionada e estimulada a abrir-se para esse horizonte mais amplo.”⁵

Pedagogia de pequenos grupos e eventos de massa

150. Há necessidade de trabalhar em duas frentes ao mesmo tempo, assim como Jesus trabalhava: os pequenos grupos e os eventos de massa.
151. Os grupos de jovens são um instrumento pedagógico de educação na fé. O pequeno grupo, como instrumento de evangelização, foi um dos instrumentos pedagógicos usados por Jesus ao convocar e formar seu grupo de doze apóstolos.
152. Ao mesmo tempo, os eventos de massa exercem uma função importante no processo de evangelização dos jovens. Criam visibilidade e conquistam credibilidade, tanto na Igreja quanto na sociedade, e injetam ânimo e entusiasmo nos jovens e assessores.

⁵ *Catequese renovada*, n. 89; cf. 92-98.

153. Os “eventos de massa” mais conhecidos são as Jornadas Mundiais da Juventude convocadas pelo papa de dois em dois anos e que reúnem jovens provenientes de todas as regiões do mundo. No Brasil, desde 1986, realiza-se o Dia Nacional da Juventude, que, em lugares variados, mobiliza mais de um milhão de jovens a cada ano. Em nível local, há uma variedade de eventos. Alguns deles são promovidos pelos movimentos como, por exemplo, os que são realizados pelos Focolares e pela Renovação Carismática Católica. Os eventos de massa têm metodologia variada: celebrações, pregações, testemunhos, teatros, caminhadas, romarias, oficinas, gincanas, conjuntos musicais, trios elétricos, palestras.
154. Não se pode cair na tentação de reduzir a evangelização da juventude unicamente a eventos massivos. Quando estes eventos não estão ligados a um acompanhamento sistemático de educação na fé, os efeitos duram pouco. Há necessidade de envolver os pequenos grupos na fase anterior e posterior para garantir que os eventos de massa se integrem num processo contínuo de educação na fé.
155. A pedagogia de eventos de massa exige uma metodologia diferente daquela de acompanhamento dos pequenos grupos e da pastoral orgânica. Exige

preparação a longo, médio e curto prazo e diferentes equipes de serviço. O número de eventos durante o ano deve ser limitado para não esgotar os recursos humanos e financeiros necessários para o acompanhamento da pastoral orgânica.

Níveis de evolução do processo de acompanhamento dos jovens

156. O acompanhamento dos jovens passa por diferentes níveis de evolução. Conhecer os níveis de evolução facilita o diagnóstico pastoral, a análise da situação da evangelização da juventude em uma diocese e as lacunas existentes. Um nível superior não elimina o nível inferior. Uma visão de níveis de evolução é importante para manter o olhar no quadro maior e não se perder em peculiaridades e detalhes secundários. Os níveis que se complementam são os seguintes:
157. ORGANIZAREVENTOSPARA OSJOVENS. Neste primeiro nível, o assessor diocesano ou equipe de coordenação organiza eventos para jovens: palestras, cursos de fim de semana, encontros, eventos de massa, passeios. Não há, ainda, um itinerário de educação na fé com acompanhamento sistemático. Este nível é importante, porém, tem suas limitações, entre elas a ausência de protagonismo dos jovens e a falta de continuidade.

158. ORGANIZAR GRUPOS DE JOVENS. Os grupos de jovens são um recurso pedagógico na educação da fé e também representam um passo à frente em termos de continuidade. Sem a nucleação em grupos ou equipes de serviço, o assessor é obrigado a acompanhar os jovens individualmente — uma tarefa que se torna impossível em larga escala. A preparação deve ser bem feita e os acompanhantes capacitados para que os grupos sejam um espaço privilegiado de crescimento e de formação. As grandes limitações desta etapa são as dificuldades causadas pelo isolamento dos grupos.
159. ORGANIZAR OS DIVERSOS GRUPOS EM REDE. As estruturas de coordenação facilitam a organização de uma rede de grupos através da qual é possível deslanchar processos e não mais atividades isoladas. Agora é possível para o assessor e o coordenador jovem acompanhar processos grupais de educação na fé. Os processos são sustentados por diferentes instrumentos pedagógicos: comissões de coordenação em diferentes níveis, acompanhamento sistemático de pessoas, grupos e coordenações, processo de planejamento participativo e avaliações periódicas. As promoções (cursos, retiros, celebrações, palestras, ações, atividades de lazer) são agora integradas e fortalecem um processo de crescimento. A principal limitação deste nível é a

falta de objetivos claros que canalizem as forças na mesma direção.

160. **CONSCIENTIZAR OS JOVENS SOBRE O PROJETO PASTORAL PARA A JUVENTUDE.** Neste nível de evolução há um projeto pastoral compartilhado, ou seja, há clareza nos objetivos, na teologia, na catequese e no caminho a percorrer. Sem este nível de aprofundamento os grupos caem no ativismo e na superficialidade. O projeto pastoral é importante porque determina a identidade da pastoral ou movimento: tipo de pessoa a ser formada, corrente de espiritualidade, imagem de Deus e da Trindade, modelo de Igreja, relação Igreja–sociedade, relação Bíblia–vida, relação fé–vida, fé–política, a maneira de celebrar. Hoje, os processos são muito rápidos e os jovens ficam menos tempo nos grupos e equipes de ordenação. Como resultado, freqüentemente uma geração de líderes não passa a clareza do projeto para a nova geração. Dentro deste contexto de mudanças, necessitamos pensar em maneiras mais rápidas para passar a clareza teórica do projeto pastoral para os assessores e coordenadores jovens. A grande limitação deste nível é a falta de clareza das etapas a serem percorridas.
161. **LEVAR EM CONTA QUE O CRESCIMENTO NA FÉ SE DÁ POR ETAPAS.** Neste último nível de evolução há uma consciência de que todo crescimento humano,

incluindo o crescimento na fé, passa por etapas. A educação na fé não acontece numa reunião ou num encontro de fim de semana, por melhores que sejam, mas é um processo que leva tempo e é gradual.

PISTAS DE AÇÃO

162. Promover em todos os níveis de organização uma pedagogia que favoreça o crescimento afetivo entre os jovens.
163. Proporcionar momentos de avaliação para detectar as lacunas pedagógicas na condução do processo de educação na fé dos jovens.
164. Capacitar os assessores e coordenadores dos grupos e equipes de coordenação a partir da pedagogia de Jesus com seus apóstolos: convivência, oração e planejamento em comum.
165. Promover cursos na área da pedagogia da formação para que haja maior profissionalização e clareza metodológica da parte dos jovens e agentes de pastoral que estão conduzindo o processo de evangelização dos jovens.
166. Incentivar a sistematização de experiências, como instrumento de memória, partilha e motivador de novas experiências.
167. Incentivar o hábito de leitura e proporcionar artigos, livros, documentos, CDs, DVDs, gerando

uma biblioteca atualizada principalmente nas periferias e dioceses mais afastadas dos grandes centros urbanos.

168. Organizar, valorizar e acompanhar os grupos de jovens nas comunidades.
169. Valorizar as diferentes expressões culturais existentes como meio pedagógico de formação e envolvimento de jovens (dança, teatro, esporte, grafite, paródias, arte, bandas).
170. Avaliar periodicamente em que estágio se encontra cada grupo de jovens, oferecendo-lhe pistas concretas que contribuam com a sua evolução.
171. Encaminhar com urgência⁶ a sistematização de uma Pastoral de Adolescentes que desemboque, processualmente, numa evangelização da juventude tomando em conta as realidades psicológicas, biológicas, pedagógicas, teológicas e sociais de uma pessoa dos 12 aos 17 anos.
172. Organizar eventos de massa, envolvendo as várias forças que trabalham com a juventude local (movimentos, pastorais da juventude, congregações religiosas, grupos de crisma, Pastoral Vocacional, Pastoral Familiar, escolas etc.), principalmente o

⁶ “Urgente” tanto porque se verifica na realidade dos grupos das Igrejas um fenômeno bastante comum da “adolescentização dos grupos de jovens”, como porque é importante garantir uma evangelização que esteja adaptada ao mundo especificamente juvenil que desejamos destacar.

Dia Nacional da Juventude, no último domingo de outubro. Valorizar o Dia Mundial da Juventude, que acontece no Domingo de Ramos, e as Jornadas Mundiais da Juventude.⁷

173. Envolver gradativamente os jovens em atividades próprias da comunidade de fé, favorecendo-lhes experiência de solidariedade, partilha e co-responsabilidade.
174. Organizar experiências significativas para a prática do voluntariado.

4ª linha de ação: DISCÍPULOS E DISCÍPULAS PARA A MISSÃO

DESAFIOS E PRINCÍPIOS ORIENTADORES

175. Na evangelização da juventude deve-se estar atento ao conjunto da população jovem e não se

⁷ O ano de 1985 foi declarado pela Organização das Nações Unidas – ONU como Ano Internacional da Juventude. Neste mesmo ano aconteceu o Encontro Mundial de Jovens, em Roma, na praça São Pedro, no Domingo de Ramos (3 de abril). O papa dedicou uma Carta Apostólica aos jovens e às jovens do mundo (31 de março de 1985) e, depois, anunciou a instituição da Jornada Mundial da Juventude (20 de dezembro de 1985). Desde então, acontecem dois tipos de concentrações: a Jornada Mundial da Juventude, num ano e, no outro ano, no Domingo de Ramos, o Dia Mundial da Juventude acontecendo nas dioceses. Também a partir de 1985, a pastoral da juventude do Brasil assumiu a celebração do Dia Nacional da Juventude – DNJ, geralmente no último domingo de outubro. Assim sendo, em 1986 aconteceu o primeiro DNJ. Essa atividade tem caráter de evento de massa diocesano para celebrar as grandes questões que envolvem o mundo juvenil.

restringir apenas àqueles que já são atingidos pela ação pastoral da Igreja. Frequentemente os grupos de jovens e suas coordenações se fecham dentro de um pequeno círculo de amigos e conhecidos. Os jovens organizados na Igreja são uma pequena parcela da população jovem. É preciso estimular em todos o espírito missionário para que saiam em missão para levar os outros jovens a um encontro pessoal com Jesus Cristo e o projeto de vida proposta por Ele. Esta é também tarefa de toda a comunidade eclesial.

176. Quando o jovem assimila o Evangelho como uma Boa Notícia, ele quer partilhá-la com os outros. O discípulo se torna missionário. O jovem, como apóstolo de outros jovens, tem um poder de comunicação e de convencimento peculiar. O segredo para atingir os jovens que ainda não foram evangelizados é mobilizar os jovens que já aderiram a Jesus Cristo.
177. A missão não se reduz apenas a trazer os jovens para as atividades da Igreja, mas consiste também em despertar sua vocação e seu papel na sociedade. Há o desafio de trabalhar a dimensão social da fé com os jovens como um elemento da missão do cristão. A luta pela justiça é um elemento constitutivo da evangelização. O jovem cristão é desafiado a trabalhar com todas as pessoas de boa vontade — independente da sua opção religiosa

— para construir uma sociedade justa e fraterna, uma sociedade querida por Deus. Participar da construção de uma sociedade justa e solidária constitui um dos objetivos da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. Isto inclui também o engajamento político.⁸

178. Uma grande parte dos jovens não está envolvida nas formas tradicionais de exercício da ação social e política. Muitos não acreditam na possibilidade de um projeto coletivo capaz de garantir mais justiça para a sociedade brasileira e privilegiam a busca de soluções para seus problemas e ambições pessoais. Não obstante, um setor significativo da juventude sonha com a utopia de um outro mundo possível. Na maioria das experiências de atividades de massa que clamam por mudanças na sociedade e por uma outra globalização há uma grande presença da juventude.

PISTAS DE AÇÃO

179. Divulgar o projeto “Missão Jovem”, já existente em alguns lugares do país, para que se realize em outras regiões e dioceses.⁹

⁸ “Entre essas realidades temporais, não se pode deixar de salientar com ênfase especial a atividade política. Esta abarca um vasto campo, desde a ação de votar, passando pela militância e liderança em algum partido político, até o exercício de cargos públicos em diversos níveis” (*Puebla*, n. 791).

⁹ Adaptação das missões populares para o mundo juvenil. Esta metodologia é mais bem explicada no caderno: SETOR JUVENTUDE CNBB. *Missão jovem*; um jeito jovem de evangelizar. São Paulo, CCJ, 1996.

180. Mobilizar os jovens da comunidade eclesial para que se tornem missionários nos ambientes em que estão inseridos e naqueles em que apresentam maiores desafios, investindo no trabalho diferenciado junto às juventudes: estudantes, universitários, ribeirinhos, negros, indígenas, quilombolas, agricultores, empobrecidos, das periferias das grandes cidades, dependentes químicos, envolvidos no mundo da violência e das gangues e outros segmentos juvenis.
181. Incentivar os jovens da comunidade eclesial a convidarem outros jovens para participarem de suas atividades.
182. Despertar gradualmente os jovens para a consciência da cidadania e o engajamento sociopolítico na transformação da sociedade, a partir da opção evangélica pelos pobres.

5ª linha de ação: ESTRUTURAS DE ACOMPANHAMENTO

183. A evangelização da juventude passa pelo fortalecimento das estruturas organizativas que acompanham os processos de educação na fé.

184. A organização da evangelização da juventude apresenta dois desafios:
185. Fortalecer as estruturas organizativas que acompanham os processos de educação na fé dos jovens.
186. Organizar uma articulação mais ampla — Setor Juventude — que envolva todas as forças que trabalham com jovens.

O DESAFIO DE FORTALECER AS ESTRUTURAS ORGANIZATIVAS

Desafios e princípios orientadores

187. Não há dúvida de que existe uma crise nas estruturas de organização dos grupos de jovens das paróquias e comunidades que se articulam em níveis diocesanos, regionais e nacional. Estas estruturas são importantes para acompanhar os processos grupais de educação na fé dos jovens. A crise é provocada por diferentes fatores: uma nova cultura mais individualista, a ausência de assessores adultos, de pessoas liberadas e pouca disponibilidade de investimento, falta de infraestrutura para o trabalho.
188. A organização é um instrumento importante para a evangelização dos jovens, tanto para as pastorais da juventude como para os movimentos eclesiais.

Ela garante a eficácia dos projetos de formação. Sem a organização e a articulação entre si, numa rede de grupos, o assessor se vê obrigado a acompanhar os jovens individualmente. Muitas vezes o assessor adulto ou o jovem coordenador é obrigado a criar tudo sozinho, sem contar com apoio de outros e experiência acumulada. Sem a organização, os grupos se fecham numa visão limitada e superficial. Não se despertam lideranças, e experiências valiosas nascem e morrem. Não se acumulam e não se sistematizam experiências.

189. Como parte fundamental de sua missão, a pastoral “organiza-se a partir da base, gerando um processo dinâmico de comunhão e participação e criando estruturas de coordenação, animação e acompanhamento que permitem o intercâmbio entre as experiências que se realizam nos diferentes níveis da Igreja: grupos, paróquias, áreas pastorais, dioceses, país, região e continente”¹⁰ para, assim, realizar, organicamente, sua missão evangelizadora, como pediam os bispos em Puebla.
190. Há um aumento da motivação por parte dos jovens ao perceberem que fazem parte de um projeto mais amplo, em que as estruturas participativas promovem o seu protagonismo, aumentam a

¹⁰ CELAM. *Civilização do Amor*; tarefa e esperança; orientações para a pastoral da juventude latino-americana. São Paulo, Paulinas, 1997. p. 248.

motivação e o compromisso. Participando na organização, o jovem se sente sujeito do processo da sua própria educação na fé. O jovem, então, se envolve para evangelizar outros jovens, pelo seu testemunho de vida e pelo anúncio explícito do Senhor Jesus.

191. Participando das estruturas da organização, o jovem desenvolve importantes habilidades de liderança, capacidade de escutar os outros, de superar a timidez e falar em público, de organizar e comunicar suas idéias de maneira sistematizada, de conduzir uma reunião, de analisar criticamente a sociedade ao seu redor, de motivar e acompanhar processos individuais e grupais, de planejar e avaliar a ação pastoral. “A organização favorece a formação na ação dos jovens, gera espaços de diálogo e de decisão para a condução co-responsável de toda a ação pastoral e educa sua inserção na sociedade para fomentar, a partir daí, as urgentes mudanças de estruturas que se fazem necessárias.”¹¹
192. A participação nas estruturas de coordenação é uma maneira eficaz de viver a espiritualidade do Evangelho. Face ao individualismo da cultura contemporânea, o jovem aprende a vivenciar o mandamento novo trabalhando em equipe com os

¹¹ Ibid.

outros. Aprende a humildade e a capacidade de dialogar. No meio dos conflitos vê-se obrigado a aceitar as críticas, a escutar as opiniões, a entender a perspectiva dos outros, ser podado para crescer mais. Aprende que não pode impor seus conceitos, que é preciso abrir os horizontes para escutar outros fatos e outras evidências. A participação nas estruturas da organização é uma maneira de mudar mentalidades e comportamentos. O ambiente cultural que educa o jovem para o individualismo é combatido na prática cotidiana dos grupos e equipes de coordenação. As estruturas organizativas precisam ser avaliadas e atualizadas em vista da missão e do serviço.

ORGANIZAR UMA ARTICULAÇÃO MAIS AMPLA

Desafios e princípios orientadores

193. Há uma multiplicidade de experiências na evangelização da juventude no Brasil, cada uma com sua organização e espaços de formação e atuação. Há necessidade de uma instância mais ampla — Setor Juventude — para unir e articular forças num trabalho de conjunto, à luz das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Todas nascem da necessidade de organizar, planejar e avaliar a ação evangelizadora, tanto na comunidade como nos diferentes meios em que os jovens

vivem. Têm sua própria mística, metodologia, identidade e organização:

- As pastorais da juventude que acompanham os processos de evangelização da juventude a partir dos grupos de jovens.¹²
- Os movimentos eclesiais e novas comunidades com seus carismas específicos.
- As congregações religiosas que trabalham com a juventude, segundo os respectivos carismas.
- Outras organizações eclesiais que também trabalham com jovens, como catequese crismal, Pastoral Vocacional, Pastoral da Educação, ao lado de outras.

¹² As pastorais da juventude (PJs) se realizam de diferentes maneiras, segundo a enorme diversidade de experiências que se dão no meio da juventude. Dedicam-se a cultivar, a partir do Evangelho, os valores juvenis nos diferentes ambientes da vida paroquial e da sociedade. Buscam, por meio de espaços claramente definidos, seja por motivos econômicos e políticos, seja por motivos culturais no qual o jovem se desenvolve e passa a maior parte de seu tempo ou um tempo mais significativo de sua vida, agir conforme os interesses, preocupações e linguagem comum à juventude. A organização e missão específica das PJs é uma opção, a partir da fé, por uma ação concreta conforme o meio específico, e, conseqüentemente, fruto de um processo pedagógico de educação na fé cujos frutos são a conversão pessoal e social de cada meio ao Evangelho e à aquisição de uma identidade madura adequada a uma vocação especificamente situada. O meio privilegiado de atuação das pastorais da juventude é: a comunidade eclesial de base (pastoral da juventude – PJ), a escola (pastoral da juventude estudantil – PJE), o bairro popular (pastoral da juventude do meio popular – PJMP) e o meio rural (pastoral da juventude rural) (cf. Estudos da CNBB, n. 76: *Marco referencial da pastoral da juventude do Brasil*. São Paulo, Paulus, 1998; *Plano trienal das pastorais da juventude do Brasil [2005-2008]*. São Paulo, CCJ, 2005).

194. “A Igreja é uma em pluralidade de situações, de vocações, de serviços, que não se opõe à unidade mais profunda em Cristo. Em sua diversidade, e não apesar dela, é que os homens são um em Cristo e no Povo de Deus.”¹³ A proposta é fortalecer e ampliar a ação evangelizadora da Igreja e não perder riquezas conquistadas que já provaram seu valor pedagógico e teológico no campo da evangelização da juventude. O pluralismo de carismas e metodologias, vivido na unidade, fortalece a ação evangelizadora.
195. O trabalho em conjunto deve respeitar os carismas, mas, ao mesmo tempo, estabelecer algumas linhas pastorais comuns. Tanto as pastorais como os movimentos, novas comunidades e congregações religiosas precisam se conhecer mutuamente e, juntos, encontrar seu lugar na pastoral de conjunto da Igreja local, sempre em comunhão com as orientações específicas do bispo diocesano.
196. Não se está propondo uma nova superorganização que promova muitos eventos e atividades, mas a unidade de todas as forças ao redor de algumas metas e prioridades comuns. Os eventos de massa são um exemplo de projetos que podem ser assumidos em comum.

¹³ CNBB. *Unidade e pluralismo na Igreja*. 2. ed. São Paulo, Paulinas, 1972. n. 18.

197. Não existe um modelo pronto de organização do Setor Juventude. A sua organização dependerá da realidade de cada Igreja particular,¹⁴ sob a animação dos conselhos diocesano e paroquiais de pastoral.

PISTAS DE AÇÃO

198. Organizar o Setor Juventude em cada Igreja particular, de forma criativa e participativa, para fortalecer e dinamizar a evangelização da juventude a partir de todas as forças presentes.
199. Organizar cursos e oficinas de capacitação técnica para assessores e jovens que tenham responsabilidade pela condução das estruturas organizativas de acompanhamento dos jovens.
200. Garantir que os projetos assumidos em comum não sobrecarreguem as lideranças nem enfraqueçam as diferentes organizações.
201. Investir maiores recursos humanos e financeiros nas dioceses e paróquias para as estruturas de formação e acompanhamento da evangelização dos jovens.
202. Investir na comunicação através da Internet, como meio eficaz e barato de passar informações e conteúdos e de fortalecer as estruturas de acompanhamento.

¹⁴ Cf. gráfico C no Anexo 5.

6ª linha de ação: MINISTÉRIO DA ASSESSORIA

DESAFIOS E PRINCÍPIOS ORIENTADORES

203. Na evangelização da juventude a assessoria deve constituir uma preocupação cuidadosa por parte de toda a Igreja, em todos os níveis. Desejamos, por isso, identificar e capacitar pessoas, maduras na fé e chamadas por Deus para exercerem o ministério da assessoria, acompanhando os processos de educação na fé dos jovens, dispostas a servirem com sua experiência e conhecimento, desejosas de compartilhar sua descoberta de Cristo e seu projeto. Não há processo de educação na fé sem acompanhamento, e não há acompanhamento sem acompanhante. Enquanto em nossas dioceses não existirem assessores que se responsabilizem efetivamente por um consistente trabalho juvenil, os resultados estarão sempre aquém do desejado. Garantir, por isso, a formação de novos assessores, sempre e em todo lugar, será sempre uma urgência pastoral.
204. Falando para os bispos, diante do mar colorido de jovens na Jornada Mundial da Juventude em Colônia, na Alemanha, o Papa Bento XVI disse: “Aqui estão as ovelhas sem pastor! Sejam vocês os pastores destas ovelhas”. Com esta apresentação dos jovens aos bispos, o papa entrega, aos

pastores, o cuidado essencial com os jovens. A melhor forma de expressar este cuidado é a atenção pessoal de cada pastor. Junto com isto, o investimento necessário para o amadurecimento dos jovens, por meio do impulso à formação de assessores adultos que possam acompanhar os processos pessoais e grupais da juventude.

205. A dificuldade principal para evangelizar as novas gerações é a falta de pessoas com perfil adequado para este ministério. Faz-se necessário, para tal, o preparo de pessoas que tenham clareza do projeto pastoral e da metodologia para chegar aos jovens e envolvê-los num processo de educação na fé. Chama atenção a ausência de padres que abracem um trabalho de acompanhamento sistemático dos jovens. Os religiosos e leigos também estão muito distantes. Existem muitos jovens adultos que podem cumprir este papel de acompanhamento. Há, no entanto, necessidade de resgatar no coração de todos a paixão pela juventude. Os que têm possibilidade de promover o ministério da assessoria não devem poupar esforços para fazê-lo.
206. Quando falamos de ministério, falamos de serviço, e todo serviço exige vocação. A assessoria aos jovens, de forma pessoal ou grupal, além de ser uma função, é um verdadeiro ministério, uma vocação. O assessor é chamado por Deus para

cumprir esta missão na Igreja, da qual recebe o envio.

207. No processo de acompanhamento no caminho da fé o assessor é o acompanhante principal que ajuda o jovem a definir o seu projeto de vida, segundo o projeto de Jesus Cristo. Trata-se, portanto, de uma pessoa que já clareou seu projeto de vida, passou pelo processo de discernimento vocacional e procura integrar fé e vida vivendo uma espiritualidade encarnada nesta realidade. Celebra e partilha sua fé e seu trabalho junto com outros assessores e junto com os jovens. É um educador na fé, pelo testemunho de coerência e pela explicitação do anúncio do Senhor Jesus. Ao mesmo tempo, tem consciência de não ser o responsável principal do amadurecimento na fé dos jovens, porque sabe que se trata, sobretudo, de uma obra do Espírito Santo.
208. Mais que despertar nos jovens o interesse e a participação em atividades que contribuam na formação integral, o assessor é alguém que acompanha processos pessoais e grupais de educação na fé em que os jovens devem ser os protagonistas. As atividades, cursos e eventos devem estar integrados num processo que assegure sua continuidade.
209. Para acompanhar uma nova geração de jovens com traços diferentes das gerações anteriores,

não basta boa vontade. Não basta que o assessor seja uma pessoa jovial. Os tempos exigem uma verdadeira vocação, preparo pedagógico, pastoral e teológico, planejamento, clareza de metas, estratégia para alcançar estas metas e uma forte paixão pela causa do jovem. Por isso a Igreja olha com carinho os “centros” e cursos que estudam, promovem e apóiam o ministério da assessoria aos grupos de jovens.

210. A experiência do assessor jovem tem dado muito bom resultado no Brasil e na América Latina. Trata-se de um jovem com mais idade — um jovem adulto — que tem maturidade na fé e uma experiência acumulada em metodologia de trabalho com jovens. Em muitos lugares, a evangelização da juventude funciona com maior riqueza devido à presença destes assessores jovens. Em termos ideais, porém, o assessor jovem deve trabalhar em conjunto com um assessor de maior caminhada pastoral, que tenha clareza do processo de educação na fé, e ser por ele acompanhado. As duas assessorias se complementam: a experiência e sabedoria do assessor adulto e o idealismo, a energia e a audácia do assessor jovem adulto. Há, por isso, a necessidade de estabelecer critérios para escolher qualquer pessoa que se sente vocacionada para viver este ministério. Atenção

especial precisa ser dada aos jovens adultos, cuidando para que não fiquem sobrecarregados e esqueçam que também são jovens. Neste sentido, busque-se promover uma formação diferenciada em relação a eles.

211. Os diferentes tipos de assessores se complementam: assessor-padre, assessor-religioso, assessor-leigo adulto e assessor-jovem. É também importante junto a este grupo aqueles padres, leigos e religiosos que, mesmo não sendo assessores, acolhem, apóiam e incentivam os jovens.

PISTAS DE AÇÃO

212. Elaborar estratégias para envolver assessores no acompanhamento aos processos de educação na fé dos jovens e nas organizações juvenis, expressões concretas do protagonismo a que são convidados a viver.
213. Investir na formação e na possível liberação de assessores adultos e jovens adultos, em todos os níveis. No que se refere à formação, o Setor Juventude da CNBB e os institutos e centros de juventude prestam um serviço valioso, servindo de referência na questão da assessoria e do estudo da realidade juvenil.
214. Escolher com clareza e realismo as pessoas responsáveis (assessores, articuladores) pelo trabalho

- juvenil em todas as instâncias eclesiais: nacional, diocesana, paroquial, comunitária.
215. Organizar e garantir equipes (comissões) de assessores-padres, religiosos, leigos e jovens adultos, cuidando para que sejam meios de apoio afetivo, troca de experiências, revisão de vida, oração e elaboração de estratégias para melhorar o serviço de acompanhamento.
 216. Escolher e liberar padres, religiosos e leigos adultos que tenham vocação e paixão pela juventude, assegurando sua permanência no ministério da assessoria por um tempo que seja de proveito para a juventude e para o próprio assessor.
 217. Garantir a formação de novos assessores, possibilitando a renovação periódica daqueles que acompanham a evangelização da juventude.

7ª linha de ação: DIÁLOGO FÉ E RAZÃO

DESAFIOS E PRINCÍPIOS ORIENTADORES

218. À medida que avança o processo de escolaridade, em especial na fase universitária, os jovens se fascinam pela racionalidade das ciências e tecnologias, pela eficiência e organização da sociedade produtiva e do mercado, pelo compromisso com a transformação social, de tal forma que sua fé pode

entrar, em alguns casos, em conflito com a razão; mas pode, também, amadurecer com a contribuição dessa razão. A ação pastoral deve favorecer a base intelectual da sua fé para que saibam se mover de maneira crítica dentro do mundo intelectual, acompanhados de vida cristã autêntica para que possam atuar responsabilmente no mundo do qual fazem parte. É oportuno, portanto, que na Universidade possa se desenvolver um ambiente favorável para articular fé e razão. Essa sinergia é importante até para superar o tempo em que “a fé, privada da razão, pôs em maior evidência o sentimento e a experiência, correndo o risco de deixar de ser uma proposta universal. É ilusório pensar que, tendo pela frente uma razão débil, a fé goze de maior incidência; pelo contrário, cai no grave perigo de ser reduzida a um mito ou superstição. Da mesma maneira, uma razão que não tenha pela frente uma fé adulta não é estimulada a fixar o olhar sobre a novidade e radicalidade do ser”.¹⁵ A universidade torna-se, assim, um espaço de amadurecimento da fé e da razão.

219. Muitos universitários permanecem abertos à dimensão espiritual da vida, contribuindo para difundir seus valores no ambiente educacional, potencializados, porém, pelos valores da moderni-

¹⁵ JOÃO PAULO II, *Fides et Ratio*, n. 48.

dade, que têm uma atração especial para os jovens universitários, como a democracia, o diálogo, a busca da felicidade, a transparência, os direitos individuais, a liberdade, a justiça, a igualdade dos direitos e o respeito pelas diferenças. A ação evangelizadora neste meio precisa acolher tais valores. “A Igreja continua profundamente convencida de que fé e razão se ajudam mutuamente, exercendo, uma em prol da outra, a função tanto de discernimento crítico e purificador, como de estímulo para progredir na investigação e no aprofundamento.”¹⁶ Portanto, urge evangelizar estes futuros formadores de opinião pública, demonstrando que “a razão e a fé não podem ser separadas sem fazer com que o homem perca a possibilidade de conhecer de modo adequado a si mesmo, o mundo e Deus”.¹⁷ Nesse sentido, a fé e a razão são os meios recomendados para fortalecer os valores do Reino.

220. Os argumentos intelectuais, para serem convincentes, devem ser acompanhados pelo testemunho de uma vida cristã autêntica. A imagem que a Igreja projeta na sociedade é muito importante para a evangelização de uma juventude cada vez mais escolarizada: uma Igreja comprometida

¹⁶ Ibid., n. 100.

¹⁷ Ibid., n. 16.

com os setores marginalizados da sociedade, que evangeliza a partir do testemunho e dinamismo de seus membros, de maneira especial de jovens que são apóstolos de outros jovens, uma Igreja alegre e acolhedora que ama e acredita nos jovens.

221. Por fim, a Igreja lamenta profundamente a instrumentalização das pesquisas científicas pelo poder econômico, principalmente quando visa à guerra ou à submissão de grandes parcelas da humanidade. Ela considera que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia deve ter sempre como eixo fundamental o respeito à vida e à dignidade humana e visar ao bem de toda a humanidade. Para tanto é de fundamental importância ajudar os jovens universitários a entender as razões da Igreja ao defender o valor da vida diante dos abusos da ciência.

PISTAS DE AÇÃO

222. Promover grupos, retiros, vivência dos sacramentos, cursos, espaços de reflexão e estudo para que os jovens possam ter uma adequada formação e experiência de Deus e, nas palavras de Pedro, aprender a dar razão da sua esperança (cf. 1Pd 3,15).
223. Produzir materiais e subsídios para favorecer o diálogo entre o universo religioso e o universitário.

224. Organizar uma eficiente pastoral nas universidades articulada por pessoas devidamente preparadas, liberando pessoas para tal fim e contando com assessoria de leigos ou religiosos ou padres.
225. Fazer com que a universidade seja cada vez mais uma “universidade em pastoral”.
226. Investir na formação de assessores qualificados para acompanhar a juventude no ambiente universitário, mantendo sempre o justo equilíbrio entre fé e razão.
227. Organizar equipes ecumênicas, entre as instituições de ensino superior confessionais, para contribuir na preparação de assessores que trabalharão com os jovens nas ações pastorais.
228. Provocar as faculdades de teologia das instituições de ensino superior confessionais a ler e interpretar a presença e plano de Deus no meio dos jovens (a juventude como lugar teológico), em torno de temas a eles relacionados, como, por exemplo: sexualidade, prazer, lazer, festas, consumo, escola, trabalho, desemprego, dinheiro e lucro, namoro e uniões conjugais, religiosidade sem Igreja, trazendo uma abordagem teológica voltada para o mundo juvenil e apresentando luzes aos desafios nascidos no novo contexto em que a juventude está inserida.

229. Despertar o espírito missionário para que os jovens universitários sejam apóstolos dos outros jovens no meio universitário e participem de projetos na sociedade junto aos mais pobres e aprendam a colocar o saber intelectual a serviço da transformação social: pré-vestibulares alternativos e projetos sociais de renda, de saúde, de moradia, de alfabetização.

8ª linha de ação: DIREITO À VIDA

DESAFIOS E PRINCÍPIOS ORIENTADORES

230. Face à situação de extrema vulnerabilidade a que está submetida a imensa maioria dos jovens brasileiros, é necessária uma firme atuação de todos os segmentos da Igreja no sentido de garantir o direito dos jovens à vida digna e ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Isso se desdobra e concretiza no direito à educação, ao trabalho e à renda, à cultura e ao lazer, à segurança, à assistência social, à saúde e à participação social.
231. As diretrizes da ação evangelizadora propõem: “Sejam incentivadas ou apoiadas as iniciativas que favoreçam a educação dos jovens, visando à formação de uma personalidade madura e

equilibrada, à correta vivência da sexualidade, à vivência do amor verdadeiro, ao autocontrole em face dos desvios do alcoolismo, da dependência de drogas e do consumismo fácil e ilusório”.¹⁸ O espaço da convivência familiar é o ambiente primeiro para esta educação e para a educação das questões ligadas à bioética.

232. A juventude é a etapa da vida em que geralmente se destaca a formação física, intelectual, mística, psíquica, social e cultural. É tempo também propício à formação para a cidadania, em que os indivíduos tomam ciência de seus direitos e responsabilidades. Apenas através da efetivação dos direitos básicos é possível esperar que os jovens assumam suas responsabilidades face à sociedade, tornando-se cidadãos responsáveis pela condução de suas vidas e da nação.
233. As políticas públicas são mecanismos através dos quais os direitos podem ser universalizados e visam a uma reorientação do Estado para uma sociedade justa e solidária por meio de ações duradouras e capazes de reformar as instituições. A elaboração, implantação e execução das políticas públicas necessárias para superar esses desafios são de responsabilidade de Municípios, Estados e União, mas exigem o acompanhamento e o con-

¹⁸ Cf. CNBB, *Diretrizes gerais... 2003-2006*, doc. 71, n. 85f.

trole democrático por parte de todos os cidadãos. A democracia se exerce não apenas entregando o poder aos homens e mulheres que elegemos mas também pela participação constante e ativa de toda a sociedade na vida política.

234. Um desafio urgente é garantir que todos os jovens tenham acesso aos direitos fundamentais, numa sociedade marcada por profundas desigualdades sociais, regionais, raciais e de gênero. A vulnerabilidade dos jovens na atualidade e a atuação dos movimentos juvenis colocaram na pauta nacional o tema das políticas públicas de juventude. Para que as políticas públicas sejam adequadas às necessidades e anseios dos jovens, é fundamental que eles sejam ouvidos na sua formulação, implantação e avaliação.
235. Tais desafios devem ser enfrentados por todos os segmentos da Igreja. Eles não são responsabilidade apenas da juventude católica. Neste caso específico, deve ser buscada a colaboração com outras organizações da sociedade civil, movimentos juvenis, ONGs, órgãos governamentais, parlamentos, universidades, outras Igrejas e grupos religiosos.
236. Muitos aspectos desse conjunto de desafios estão intimamente relacionados às estruturas produtoras de desigualdade social que marcam a sociedade

brasileira. Muitas ações podem ser desenvolvidas para amenizar a situação em que vivem jovens brasileiros; mas para superá-las é necessário garantir a renda mínima ou tornar o crédito acessível aos pobres. Supõem o crescimento econômico, com justa distribuição de renda. Não cabe aqui discutir aspectos técnicos da questão, mas é nossa responsabilidade reafirmar que “é estrito dever de justiça fazer que as necessidades humanas fundamentais sejam satisfeitas”.¹⁹

237. Desafia a pedagogia evangelizadora a utilização ética dos meios de comunicação que causam impacto profundo na vida da juventude e, especialmente, na percepção de seus direitos básicos, principalmente a televisão e a Internet. É essencial uma adequada formação para o entendimento da importância e utilização destes meios na evangelização da juventude.
238. Falta, para os jovens que exercem uma militância na sociedade, um maior aprofundamento na Doutrina Social da Igreja.

PISTAS DE AÇÃO

239. Comprometer os diferentes segmentos da Igreja com a promoção de ações que visem garantir

¹⁹ JOÃO PAULO II, *Centesimus annus* (1991), n. 34.

os direitos fundamentais dos jovens,²⁰ em vista da: superação das estruturas produtoras de desigualdade social, ampliação do acesso e da permanência na escola de qualidade, erradicação do analfabetismo entre os jovens, preparação para o mundo do trabalho, geração de postos de trabalho e renda, luta para que os direitos trabalhistas dos jovens sejam respeitados, promoção de vida saudável, democratização do acesso ao esporte, ao lazer, à cultura e à tecnologia da informação, promoção dos direitos humanos e das políticas afirmativas, combate à criminalidade e garantia da segurança pública, estímulo à cidadania e à participação social, democratização do acesso à terra e defesa de uma política agrícola que incentive a pequena agricultura familiar, reconhecimento e valorização da qualidade de vida dos jovens no meio rural e nas comunidades tradicionais.

240. Proporcionar ao jovem um adequado conhecimento da Doutrina Social, com estudos sistemáticos e elaboração de projetos por ele inspirados para fomentar a militância dos jovens na sociedade, impulsionados por uma nova consciência social e política à luz da fé e dos valores do Evangelho de Jesus Cristo, seduzindo a todos para um comprometimento profundo com a promoção da vida.

²⁰ Para um detalhamento destes campos de ação, pode-se consultar Anexo 6.

241. Possibilitar a formação de assessores para acompanhar militantes na dimensão da Doutrina Social da Igreja e políticas públicas para a juventude.
242. Estimular o debate no interior da Igreja sobre temas que afetam diretamente a vida dos jovens, e que exigem um posicionamento público, como redução da maioridade penal, educação popular para o Brasil, alternativas de geração de renda, questões socioambientais e estabelecimento de políticas de cotas nas universidades, para afro-descendentes, indígenas e estudantes oriundos das escolas públicas. Neste debate é preciso considerar seriamente os argumentos de especialistas e dos movimentos juvenis que têm conhecimento técnico e da realidade.
243. Proporcionar, na comunidade paroquial, encontros que despertem suas lideranças para a defesa da vida da juventude, por meio da arte e cultura.
244. Levar o jovem a valorizar e a comprometer-se com a sacralidade e inviolabilidade da própria vida e da vida dos seus semelhantes, desde a concepção no ventre materno até o momento da morte natural.
245. Provocar a comunidade eclesial para o entendimento, valorização e utilização dos meios de comunicação social de forma ética, tendo em vista sua contribuição na evangelização da juventude.

246. Apoiar iniciativas que favoreçam o amadurecimento da família como primeiro espaço de direito à vida, em vista de uma interferência qualificada na sociedade, especialmente no que diz respeito à juventude.

CONCLUSÃO

247. Diante da realidade complexa, diversa e desafiadora da juventude, como tema fundamental para a missão evangelizadora da Igreja no Brasil, nós, bispos católicos, renovamos a opção afetiva e efetiva pelos jovens. O Papa Bento XVI, exortando os católicos da América Latina e do Caribe a serem discípulos e missionários de Jesus Cristo, nos oferece um novo impulso para a evangelização da juventude.
248. Reconhecendo a juventude como um lugar teológico, o nosso amor a ela é gratuito, independente do que possa nos oferecer. Esta gratuidade se inspira no amor incondicional de Jesus que livremente deu sua vida por todos (cf. Rm 5,6-11).
249. Como discípulos e missionários de Jesus Cristo queremos ir, com amor preferencial, ao encontro dos jovens que mais sofrem as conseqüências das injustiças, da pobreza e da falta de ideais capazes de abrir horizontes para suas vidas.
250. Como pastores, convocamos toda a Igreja a investir na evangelização da juventude, para que seja dinamizadora do corpo eclesial e social. Esperamos que a juventude do Brasil acolha também esta convocação e com Maria, a jovem

de Nazaré, anuncie o Cristo ressuscitado como o jovem do Evangelho (cf. Mc 16,6-7): “Não vos assusteis! Procurais Jesus, o nazareno, aquele que foi crucificado? Ele ressuscitou! Ele vai à nossa frente para a Galiléia”.

ANEXO 1: IMPACTO DAS TENDÊNCIAS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO SOBRE OS JOVENS¹

251. Diversos estudos do mundo urbano globalizado coincidem ao indicar traços comuns da cultura contemporânea que exercem forte influência sobre a juventude. Alguns destes traços estavam presentes em outras épocas, e alguns estão presentes, também, no meio dos adultos. Falamos de tendências. Eis algumas delas:

- *Centralidade das emoções e relativização dos valores e das tradições.* Escolhas de experiências sem critérios absolutos. Valoriza-se mais o flexível, o momentâneo, e anseia-se gozar o momento presente, com poucas perspectivas para o futuro. Têm-se dificuldades com o silêncio interior.

¹ Este perfil está inspirado num texto de William César Castilho Pereira, Psicólogo, Analista Institucional. Doutor pela UFRJ. Professor da PUC–Minas, ISTA, ISI. Autor de livros e artigos.

- *Geração de pouca leitura e da imagem, acostumada a estímulos constantes para manter sua atenção.* Uma geração *zapping* (com controle remoto da TV na mão), mudando de canal em canal para encontrar novos estímulos. Ao mesmo tempo, há necessidade de levar em conta que talvez esteja havendo mudança nos modos de ler, por exemplo, através da Internet.
- *Descrédito.* Não acredita em compromisso definitivo, no mundo do trabalho, nem na vida consagrada, nem na vida conjugal. Tudo isso afasta e amedronta. Muda-se o modo de enfrentar os compromissos. Há grande dificuldade e medo em se escolher uma faculdade, uma profissão..., em definir um projeto de vida.
- *Opção por relações interpessoais e horizontais.* Preferência por relações democráticas, de tolerância horizontal e aberta. Os grupos de amigos e “a boa relação familiar” são muito valorizados. Há rebeldia diante de instituições “retrógradas” e que se opõem ao novo, e impaciência com autoridades opressoras. Percebe-se também o sentimento de pertença nas motivações e experiências horizontais e democráticas; há menos segregação racial e preconceitos.

- *Fragmentação da identidade.* Há grande confusão quanto à imagem de si mesmo e fuga de relações estáveis.
- *Crescente igualdade de condições entre homem e mulher.* Sensível diminuição do machismo; presença maior de mulheres no mercado de trabalho, no mundo da política, cultura e educação.
- *Enfoque da subjetividade.* A pessoa está centrada quase unicamente nos seus problemas e necessidades pessoais.
- *Desinteresse pela macropolítica² e grandes estruturas.* Maior inclinação pelas pequenas transformações do que pelas grandes obras ou revoluções.
- *Tendência ao sincretismo religioso e às formas religiosas ecumênicas.* Maior liberdade de expressão e dificuldades em viver vinculado a valores institucionais, a uma estrutura de paróquia e à figura da autoridade.
- *Tendência ao hedonismo e à vulnerabilidade psicológica.* Dificuldade de elaboração de momentos de frustração, do tempo de espera,

² O termo “macropolítica” é uma construção nova, aplicado para referir-se à questões amplas ligadas a política. Diz respeito às ações políticas que acontecem em espaços internacionais ou âmbitos que influenciam o conjunto de ações políticas de seus atores, trazendo conseqüências para as decisões em todos os níveis.

das angústias, e opção preferencial pelo prazer e pela felicidade, entretenimento e consumo imediato. Não questiona a sociedade de consumo. Face aos desafios e obstáculos que a vida, às vezes, apresenta, o jovem se sente tentado a desistir. Busca imperativamente a felicidade. Ao mesmo tempo, face à ameaça da fragmentação, há um segmento da juventude que revela tendência de refugiar-se no conservadorismo ou até num certo fundamentalismo.

- *Fragilidade dos laços familiares.* A ausência de um contexto familiar educativo deixa cicatrizes emocionais e afetivas na vida dos jovens, dificultando o processo de amadurecimento.

252. Este perfil da juventude contemporânea pode parecer muito negativo. Porém, não estamos falando de toda a juventude. Há jovens que são diferentes do retrato descrito. Estamos falando das grandes tendências. Tampouco, não podemos cair na tentação de nostalgia, considerando que as gerações anteriores eram melhores. Cada geração tem suas luzes e sombras. Esta geração não é pior ou melhor que as outras gerações. Devemos evitar uma supervalorização da juventude de outras épocas. E o processo de evangelização, a metodologia, os enfoques, o ponto de partida e o sistema de

acompanhamento têm que levar isso em conta para não ficar atolado na estrada de uma história que não espera. A juventude de hoje é tão idealista e generosa quanto a anterior. Basta saber trabalhar com ela. A questão é a metodologia de trabalho e a paciência para acompanhar os processos de educação na fé. O processo, hoje, leva mais tempo e exige um investimento maior para penetrar as barreiras do individualismo e da indiferença.

ANEXO 2: SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA DA JUVENTUDE BRASILEIRA

253. As disparidades de renda são grandes entre os jovens. Em 2000 (Censo IBGE), a maioria (58,7%) vivia em famílias que tinham uma renda *per capita* menor do que um salário mínimo (dentre esses encontramos 12,2% [4,2 milhões] em famílias com renda *per capita* de até $\frac{1}{4}$ do salário mínimo). Apenas 41,3% (14,1 milhões) viviam em famílias com renda *per capita* acima de um salário mínimo.
254. Considerando esse perfil de renda e, também, outros indicadores de desigualdade social, evidenciam-se alguns dos principais problemas com os quais se deparam, hoje, os jovens brasileiros, no que diz respeito à educação, trabalho, cultura e lazer, gravidez na adolescência e violência.
255. Em relação à escolaridade, as estatísticas relativas a esse segmento social são alarmantes. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, em 2003,¹ havia no Brasil 23,4 milhões

¹ Os dados não abrangem a área rural da Região Norte, exceto o Estado de Tocantins.

de jovens de 18 a 24 anos, o que representava, aproximadamente, 13,5% da população total, e apenas 7,9 milhões (34%) estavam freqüentando a escola. Portanto, 15,5 milhões de jovens de 18 a 24 anos estavam fora da escola. Desses:

- 753,4 mil (4,9%) eram analfabetos;
- 5,4 milhões (35,3%) não haviam concluído o Ensino Fundamental;
- 1,7 milhão (11%) haviam concluído o Ensino Fundamental;
- 1,2 milhão (7,8%) haviam começado o Ensino Médio, mas não o haviam concluído;
- 5,8 milhões (37,5%) haviam concluído o Ensino Médio;
- 547 mil (3,5%) haviam cursado pelo menos um ano de Ensino Superior.

256. No entanto, precocemente afastados da escola, estes jovens também não estavam inseridos no mercado de trabalho formal. Dentre esses jovens, 14 milhões (60%) desenvolviam algum tipo de ocupação, sendo que 13% ou 3 milhões de jovens declararam-se como desempregados (55% eram mulheres). As maiores taxas de desemprego encontravam-se nas regiões metropolitanas: 24,6%. Nas

áreas urbanas a percentagem chegava a 17,6%.²

257. Segundo dados do Censo de 2000, 84% dos jovens brasileiros viviam no meio urbano, sendo que 31% em regiões metropolitanas, onde se evidencia um acelerado crescimento sem sustentabilidade socio-ambiental, a expansão das favelas e de periferias caracterizadas pela ausência de infra-estrutura e equipamentos urbanos e de segurança pública. Isso mostra outra faceta da situação de vulnerabilidade em que se encontram os jovens brasileiros.
258. Como resultado, a maioria dos jovens em nosso país, como em outros da América Latina, vê unicamente, como perspectiva, o desemprego ou a inserção precária no mercado de trabalho, e os salários baixos. Segundo o IBGE, 49% do total de desempregados do país em 2001 estavam na faixa entre 15 e 24 anos. O desemprego é, talvez, o maior problema estrutural de nossa época, já que é resultante de opções de políticas e medidas econômicas adotadas na maioria dos países ocidentais. Nada pode pagar o prejuízo feito por esta situação à dignidade pessoal e à auto-estima. Sem perspectivas animadoras, uma parcela dos jovens — sobretudo das classes populares — recorre a outras saídas como a violência, a dependência de drogas, o crime,

² Secretaria Geral da Presidência da República, Coordenação Nacional do PROJOVEM, março 2005, Regina Novaes.

o suicídio, a migração para o exterior.

259. A violência das grandes cidades atinge particularmente os jovens. Segundo os dados do Ministério da Saúde (Sistema de Informações sobre Mortalidade – Datasus), em 2002, morreram no Brasil 28 mil jovens de 20 a 24 anos, sendo que 72% destas mortes foram ocasionadas por causas externas. Os jovens do sexo masculino são a maioria dessas vítimas: 18,5 mil mortes, o que corresponde a 80,5% do total.
260. Publicação divulgada recentemente pela Unesco mostra que, em 2002, a taxa de homicídios na população jovem foi de 54,5 para cada 100 mil habitantes, contra 21,7 para o restante da população. Dados do Mapa da Violência III, da Unesco (2002), indicavam que essa taxa, para o grupo de jovens de 15 a 24 anos no Brasil (45,8 por 100 mil jovens, em 1999), era a terceira maior do mundo, ficando atrás apenas da Colômbia e de Porto Rico e sendo quase oito vezes maior que a da Argentina (6,4 por 100 mil jovens em 1998).
261. Parte deste quadro de violência está relacionada ao tráfico de drogas, que vitima os jovens que estão na ponta da distribuição, mas raramente atinge os segmentos que financiam a produção e lucram com este negócio transnacional. No entanto, as pesquisas recentes sobre o uso de drogas apon-

tam que o maior problema está no consumo de álcool: segundo a pesquisa do Projeto Juventude, 52% dos jovens disseram que costumam ingerir bebida alcoólica, 13% fumam, enquanto 10% declararam que já experimentaram maconha, e 3%, cocaína.

262. Existem jovens em condições também precárias vivendo nas pequenas e médias cidades e no campo. No meio rural vive uma parcela significativa da juventude brasileira (16%), o que equivale a cerca de 5,5 milhões de jovens, que sofrem graves situações de exclusão: o analfabetismo atinge 3,8% da população juvenil (pouco mais de um milhão de pessoas) e, destes, quase metade (43%) vivem em áreas rurais.³ As situações de violência relacionadas ao narcotráfico e à prostituição infanto-juvenil são fenômenos que passam a atingir também os jovens das pequenas cidades e do meio rural.
263. As dificuldades enfrentadas pelos jovens do meio rural se assentam, em primeiro lugar, na falta de um modelo agrícola voltado para a agricultura familiar. O modelo econômico vigente tem deixado o pequeno agricultor cada dia mais vulnerável. A diminuição da renda faz com que grande parte

³ Instituto da Cidadania. *Projeto Juventude. Documento de Conclusão*. São Paulo, 2004, p.12.

da população camponesa, em especial os jovens, abandone a área rural. A juventude rural sofre, ainda, com possibilidades mínimas na área da educação e da ocupação produtiva, carecendo também de alternativas básicas em lazer, cultura e saúde.⁴

264. Outra situação que vem afetando os jovens é a gravidez na adolescência. Segundo dados de 2001, dos 3,2 milhões nascidos vivos, 695 mil (22,6%) eram de mães entre 15 e 19 anos. Entre 1980 e 2000 houve crescimento de 15% no índice de gravidez de jovens de 15 a 19 anos de idade.
265. A dívida pública (interna e externa), a corrupção e a impunidade desviam recursos financeiros necessários para melhorar a qualidade da educação, da saúde, da moradia, e para gerar empregos. Os jovens são as maiores vítimas da má qualidade da educação, da saúde e da habitação.
266. Em resumo, os dados sobre a situação socioeconômica expressam o quadro das desigualdades sociais entre os jovens brasileiros, indicando a urgência de programas específicos para essa população, no contexto de políticas públicas focadas no segmento juvenil.

⁴ Ibid., p. 69.

ANEXO 3: VALOR DA EXPERIÊNCIA ACUMULADA PELA IGREJA

Década de 1960: Ação Católica Especializada

267. O que marcava a atuação com a juventude antes da década de 1960 era a presença de diversos movimentos eclesiais que trabalhavam na dimensão devocional — como as Congregações Marianas, Filhas de Maria, Cruzada Eucarística e outros grupos que promoviam diversas atividades que atingiam a juventude. Trata-se de experiências valiosas que não pretendemos estudar aqui devido à nossa limitação de espaço. Portanto, inicia-se este resgate histórico a partir do período em torno do Concílio Vaticano II. Nas décadas de 1950 e 1960, transformações profundas aconteceram na sociedade: crescimento econômico, industrialização, urbanização, revoluções políticas e mudanças no comportamento. No Brasil, o movimento popular no campo e nas cidades e o movimento dos estudantes cresceram, pressionando a efetivação de reformas de base e da reforma agrária. Foi nessa época que Paulo VI escreveu sua encíclica

Populorum progressio e nela mostra a visão cristã do desenvolvimento e aponta pistas para um desenvolvimento solidário da humanidade. Em 1965 terminou o Concílio Vaticano II.

268. Já no final do século XIX, o Papa Leão XIII, na encíclica *Rerum novarum*, convocava a todos a se unirem para realizar uma ordem social justa. Logo depois, na década de 1930, Pio XI havia convocado os fiéis a se organizarem para enfrentar os desafios que a situação mundial colocava para a Igreja. Surgiu, em muitas partes do mundo, também no Brasil, a Ação Católica Geral. Numa segunda fase, a Ação Católica Especializada foi muito incentivada pelos Papas Pio XI e Pio XII. O fundador da Ação Católica Especializada, Cardeal Cardijn, percebeu que, com a revolução industrial, a sociedade havia mudado radicalmente. A nova cultura não considerava mais a religião como o centro de tudo. Vários grupos passaram a hostilizar a religião como “ópio do povo” e como antiintelectual e a Igreja passou a não ter mais acesso a alguns setores, de modo especial o operariado. Foi necessário, então, mudar de estratégia pastoral. A Igreja precisou sair da sacristia e ir ao encontro desse povo nos lugares onde ele se encontrava. A solução era o envolvimento do laicato na missão de evangelização. Tratava-se de

uma grande reserva que poderia ser mobilizada. A tarefa de evangelizar os jovens operários, camponeses e estudantes seria feita por outros jovens, dentro do seu ambiente. Esta nova visão recebeu forte apoio do Concílio Vaticano.

269. A Ação Católica Especializada desenvolveu uma nova metodologia para enfrentar os desafios de uma sociedade em transformação. Havia necessidade de partir da vida dos jovens. Surgiu o método Ver-Julgar-Agir, que continua sendo um importante instrumento na ação pastoral da Igreja hoje. Os pequenos grupos e a organização dos grupos em rede se tornaram uma estratégia importante de envolvimento e formação dos jovens. Foi forjada uma espiritualidade que despertava os jovens para o engajamento na comunidade eclesial e na sociedade. Neste processo surgiu um novo tipo de agente evangelizador adulto que respeitava e promovia o protagonismo dos jovens, nos diferentes ramos da Ação Católica Especializada, JOC, JUC, JIC, JEC, JAC.¹
270. A nova proposta iria revolucionar a pedagogia dentro da Igreja, de modo especial na América Latina. Essa metodologia fez surgir uma nova

¹ Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Agrária Católica (JAC).

espiritualidade, unindo fé e vida. Com o tempo, essa metodologia foi assimilada por setores mais amplos da Igreja, que passaram a analisar os problemas sociais a partir da ótica dos empobrecidos e apoiar suas lutas de transformação social.

271. A Ação Católica Especializada exerceu grande influência sobre o desenvolvimento da Igreja do Brasil e da América Latina. Em Medellín os bispos tomam consciência de um fenômeno novo. Descreveram a juventude como “novo corpo social”, “grande força de pressão”, com seus “próprios ideais, valores e dinamismo interno”.² A Ação Católica foi um dos mais importantes movimentos da Igreja nos últimos tempos, pois trouxe novas idéias, novas intuições e novos horizontes para a evangelização.

Década de 1970: Movimentos de Encontros para Jovens

272. Efetuou-se, então, uma mudança profunda da sociedade brasileira. O governo militar se radicalizou. A repressão e a censura não aceitaram a discordância e a contestação. Surgiu outra maneira de trabalhar com a juventude, mais adaptada

² *Conclusões de Medellín – II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*, n. 51.

a esta nova realidade, principalmente política: os Movimentos de Encontros para Jovens.

273. Os Movimentos de Encontros reuniam jovens para encontros de fim de semana, usando uma metodologia que se inspirava no Cursilho de Cristandade. Os encontros eram coordenados por adultos e alguns jovens que participavam com tarefas secundárias. Nas palestras dava-se importância ao testemunho pessoal dos próprios palestristas, evitando-se palestras muito intelectualizadas. O testemunho pessoal comovia mais. Lançava-se mão de cantos com leveza melodiosa e com sentido evangelizador. Os dirigentes procuravam criar forte impacto emocional: mensagens de parentes e amigos, depoimentos nas palestras, acolhida, amizade e atenção individual mostradas pelos dirigentes, liturgias participativas, oração espontânea e música animada. Na base dos encontros houve uma experiência forte, emocional, de encontro com Deus e de conversão. Os Movimentos buscavam soluções para os problemas pessoais dos jovens.
274. Num primeiro momento essa nova forma de evangelização teve êxito considerável. Depois começaram a aparecer dificuldades. Após o encontro não havia proposta viável de continuidade. Havia sim: engajamento no próprio movimento.

Os jovens iam trabalhar nos encontros seguintes. As propostas de pós-encontro funcionavam durante algum tempo, encontrando dificuldades para manter a chama acesa a longo prazo. Foram-se percebendo, também, os limites de uma metodologia de impacto emocional que deixava a impressão de que a fé dependia dos sentimentos. Desaparecendo a emoção, em muitos casos, desaparecia também a fé.

275. Os Movimentos de Encontros para Jovens tiveram o mérito de apresentar e vivenciar um modelo de Igreja mais atraente para os jovens: Igreja-comunidade, alegria, celebrações animadas e criativas. Aproximaram os jovens dos padres. Havia uma consciência de que “a Igreja somos nós”. Os Movimentos de Encontros provocaram o surgimento de muitos grupos de jovens nas paróquias, ofereceram também muitas vocações para o ministério sacerdotal e para a vida consagrada, e foram um dos fatores que contribuíram para o surgimento, a seguir, de uma nova maneira de trabalhar com os jovens: a Pastoral Orgânica da Juventude.

Década de 1980: Pastoral Orgânica da Juventude

276. No final da década de 1970 e durante a de 1980 a sociedade brasileira passou, novamente, por profundas mudanças, com as manifestações da

sociedade civil exigindo a volta da democracia, que acabaram influenciando na maneira de conduzir a ação evangelizadora junto aos jovens.

277. Os diferentes setores da sociedade civil começaram a se organizar para exigir a volta do estado de direito: estudantes, intelectuais, advogados, professores, operários. Os jovens voltaram às ruas. As bandeiras eram direitos humanos, anistia para os exilados, liberdades democráticas, “diretas já!”.
278. Politicamente uma grande parte da juventude havia mudado de progressista para conservadora durante a primeira parte da década de 1970, preocupando-se principalmente com seus problemas pessoais. Agora aparecia outra geração. A partir da segunda metade da década de 1970 e com mais força na de 1980, o enfoque foi a centralidade das utopias, começando com a conquista da democracia. As lideranças eram muito influenciadas pela cultura moderna e a importância dada à razão, às teorias e às ideologias. Eram líderes que estudavam e liam muito, e que gostavam dos debates e do confronto das idéias.
279. Houve necessidade de adequar a evangelização para acolher os novos valores da liberdade, da participação política e da consciência crítica. Surgiu uma nova geração de jovens católicos que era protagonista do seu próprio processo de educação

na fé e que podia dialogar com a nova realidade que surgia.³

280. Verificou-se o surgimento de muitos grupos de jovens nas paróquias, mas estes grupos estavam isolados, sem projeto pastoral e sem objetivos claros. Para tirá-los da superficialidade das suas reuniões sem preparação e da rotatividade dos seus membros foi estabelecida uma rede desses grupos, a fim facilitar o encontro com outros jovens, acumular e sistematizar as experiências, clarear o projeto pastoral e desencadear processos grupais de educação na fé através de um planejamento participativo.

281. A ação evangelizadora da juventude passou a ser planejada e avaliada pelos próprios jovens e seus assessores, nos diferentes níveis da Igreja: diocesano, regional e nacional. Assim nasceu a Pastoral Orgânica da Juventude.⁴ A Pastoral da Juventude se organiza, num primeiro momento, em âmbito de dioceses e depois em alguns regionais. Um grande passo se deu em 1983, quando, por convocação do Setor Juventude da CNBB, se

³ A evangelização juvenil procurava realizar o que a Conferência de Puebla havia proposto na opção preferencial pelos jovens: uma pastoral juvenil orgânica e diferenciada.

⁴ Tenha-se presente a opção preferencial pelos jovens e as “diretrizes” lançadas pelos bispos em Puebla.

realizou um Encontro Nacional com delegados vindos de todos os regionais da CNBB, sendo a maioria dos delegados jovens. Estavam presentes, também, bispos e sacerdotes. O Encontro Nacional desencadeou um novo processo.

282. Os anos seguintes foram anos de crescimento rápido das articulações, de fortalecimento da estrutura de organização em todos os níveis, de clarear o projeto de pastoral, de grande elaboração teórica (documentos, cadernos de estudo, subsídios), de formação de um corpo dinâmico de assessores, de fortalecimento e crescimento de Centros e Institutos de Juventude em diferentes pontos do país. Além da Pastoral da Juventude (PJ) que articula os grupos paroquiais, se organizaram, em nível nacional, outras pastorais específicas: Pastoral da Juventude Estudantil (PJE), Pastoral da Juventude Rural (PJR), Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP).
283. O novo modelo de organização se firmou rapidamente, a partir de assembléias diocesanas e nacionais. Iniciou-se a experiência de uma pastoral coordenada pelos próprios jovens e assessorada por adultos.
284. Em 1984 houve um encontro latino-americano de responsáveis nacionais da Pastoral da Juventude, convocado pelo Setor Juventude do Celam

(Conselho Episcopal Latino-Americano). Nos anos seguintes, organizaram-se encontros anuais com a participação de quase todos os países (22 países) para clarear o projeto pastoral. Este projeto pastoral integra muitos elementos da Ação Católica Especializada (método Ver-Julgar-Agir, pequenos grupos, rede de grupos, Dia Nacional da Juventude, modelo de assessor, opção pelos pobres e pela transformação social, protagonismo dos jovens). Havia novos desafios a serem enfrentados: o vanguardismo de alguns, a tentação de instrumentalizar a fé, a dificuldade de respeitar as etapas de crescimento na fé e a necessidade de uma formação que fosse integral. A nova metodologia formou uma geração de líderes que, até hoje, continuam engajados: jovens que se engajaram na sua comunidade eclesial de base, nas pastorais da Igreja, nos movimentos populares, no movimento estudantil, nos sindicatos, nos partidos políticos, e outros que assumiram uma vocação de especial consagração, entrando nos seminários e nas congregações religiosas.

285. O Setor Juventude da CNBB convocou um encontro entre representantes das Pastorais da Juventude e alguns movimentos (Renovação Carismática, Movimento dos Focolares e Movimento Comunhão e Libertação) para elaborar um caderno de

estudos explicando o carisma e metodologia de cada um e propondo algumas linhas de atuação em comum. Concluiu que havia vocações e carismas diferentes e havia necessidade de somar forças para evangelizar a juventude. Na prática havia dificuldades para encontrar pistas concretas para viabilizar essa proposta.

286. Na década de 1980, a Igreja apostou na juventude. O Ano Internacional da Juventude, promovido pela ONU, em 1985, ressaltou a importância da juventude. Em 1979, em Puebla, o episcopado da América Latina escolheu dois grupos para dinamizar a Igreja e a sociedade: os pobres e os jovens. A juventude passou a ser uma prioridade na ação pastoral da CNBB e em muitas dioceses. O Papa João Paulo II deu importância à juventude em todas as suas viagens. As Jornadas Mundiais da Juventude convocadas pelo Papa João Paulo II foram momentos importantes para criar visibilidade e motivação para acompanhar os processos de educação na fé.

Década de 1990 e Novo Milênio: pluralidade na evangelização

287. Na década de 1990 aconteceram mudanças que abalaram o mundo. Em novembro de 1989, caiu o muro de Berlim, símbolo da queda do Socia-

lismo Real. O modelo de capitalismo neoliberal, com suas propostas de privatização das empresas estatais e o afastamento do Estado do jogo do livre mercado, apresentou-se como vencedor. Paralelamente houve uma mudança cultural. A pós-modernidade se fortaleceu e acentuou a centralidade das emoções e a subjetividade. Apareceu uma nova geração de jovens muito distante das identidades das décadas de 1960 e 1980.

288. A evangelização da juventude passou a trabalhar no contexto de uma cultura voltada para a subjetividade e os sentimentos. Houve um enfraquecimento das pastorais da juventude em muitos lugares. Houve uma crise de assessoria adulta, de grupos de base e da estrutura de organização que acompanhava os grupos. Não houve investimentos da Igreja na evangelização da juventude, como na década de 1980, apesar do documento de *Santo Domingo* ter reafirmado a opção preferencial pelos jovens de *Puebla*, não só de modo afetivo mas também efetivamente.⁵ Houve uma carência de assessores adultos e, em muitos lugares, jovens sem experiência foram obrigados a assessorar outros jovens. Houve uma crescente adolescen-

⁵ *Santo Domingo*, n. 114.

tização dos grupos de jovens, com implicações metodológicas importantes.

289. Outra característica da evangelização da juventude na década de 1990 foi o crescimento dos movimentos eclesiais que trabalham com jovens (Renovação Carismática Católica, Focolares, Movimento de Comunhão e Libertação, Movimentos de Encontros, “Novas Comunidades”, como Canção Nova, Shalom e outras). Alguns desses movimentos eclesiais e novas comunidades marcaram uma presença forte nos meios de comunicação social, programas de rádio e TV voltados aos jovens, utilizando a Internet como meio de evangelização e promovendo acampamentos e missões rurais.
290. Para iniciar um trabalho em conjunto, o Setor Juventude da CNBB organizou um encontro anual das pastorais da juventude, movimentos e congregações religiosas para aprofundar diferentes temas relacionados com a evangelização dos jovens. Faltou envolver mais os movimentos nessa articulação e na escolha e encaminhamento dos temas. Surgiu, em algumas dioceses, o questionamento sobre a necessidade de formar uma articulação mais ampla (Setor Juventude) que procurasse canalizar e somar todas as forças vivas (pastorais da juventude, movimentos apostólicos,

catequese crismal, pastoral de catequese, pastoral das escolas católicas, congregações religiosas cujo carisma é a juventude) que trabalham com jovens, sonhando com um trabalho orgânico e diferenciado.

291. Não podemos deixar de mencionar os trabalhos desenvolvidos para a evangelização da juventude feitos pelas escolas católicas e a importante assessoria feita pela Associação de Educadores Católicos (AEC). Houve diversas experiências de trabalho pastoral sério executado por congregações religiosas. Essas experiências promoveram todo um processo de evangelização que levou em conta o primeiro anúncio, a preparação para os sacramentos, a organização de estágios sociais, trabalhos de voluntariado e formação humana. Esse trabalho foi acompanhado pela Pastoral da Educação.
292. Dentre as várias publicações, destacamos o documento *Civilização do Amor; tarefa e esperança*, lançado pelo Setor Juventude do Celam.⁶ Foi o resultado visível de um processo de educação na fé, assumido e avaliado em conjunto. No Brasil, surgiram os documentos *Pastoral da Juventude no Brasil* (Estudos da CNBB, n. 44),⁷ de 1986, e

⁶ *Civilização do Amor; tarefa e esperança; orientações para a pastoral da juventude latino-americana*. São Paulo, Paulinas, 1997.

⁷ "Pastoral da Juventude no Brasil", *Estudos da CNBB*, n. 44. São Paulo, Paulinas, 1986.

Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil (Estudos da CNBB, n. 76, 1998),⁸ e o *Textobase da Campanha da Fraternidade 1992*.

293. A Igreja do Brasil conta com o apoio de 11 centros e institutos de juventude⁹ (Rede Brasileira de Institutos de Juventude) — muitos deles apoiados por congregações religiosas —, que estão articulados em rede nacional e continental e que oferecem apoio estável e especializado para a tarefa de evangelização dos jovens, com cursos a médio e longo prazo, subsídios, equipes volantes. Há mais de 40 documentos, cadernos de estudo e subsídios de formação elaborados pelos diferentes centros e pelo Setor Juventude da CNBB e do Celam. Todos os anos são publicados outros para responder a diferentes necessidades da juventude. Os centros têm enfoques e especializações diferentes numa linha de espiritualidade, capacitação técnica, cidadania, bíblica, cursos de longa duração. Foi

⁸ “Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil”. *Estudos da CNBB*, n. 76. São Paulo, Paulinas, 1998.

⁹ Canoas, RS (Instituto de Pastoral da Juventude), São Paulo, SP (Centro de Capacitação da Juventude – CCJ, Centro de Pastoral de Juventude Anchietaum e Centro Pastoral Santa Fé), Goiânia, GO (Casa da Juventude Pe. Burnier – CAJU), Montes Claros, MG (Centro Marista de Pastoral – CMP; juntamente com outros CMPs de Colatina, São Vicente de Minas, Belo Horizonte, Palmas e Natal), Belo Horizonte, MG (Instituto de Pastoral de Juventude – IPJ Leste 2), São Luís de Maranhão, MA (Instituto de Formação Juvenil) e Manaus, AM (Aiaká). Chamada de Rede Brasileira de Institutos de Juventude.

através desses centros, inclusive, que se levou, para dentro da universidade, um curso de pós-graduação sobre juventude.

294. De novo, as mudanças na sociedade apresentam um desafio para a evangelização da juventude. Mas há uma experiência acumulada que precisa ser adaptada à nova realidade. Há elementos da metodologia que precisam ser mudados, integrando novos elementos, novos enfoques e novo ponto de partida para conectar a proposta evangelizadora com a vida dos jovens. Nesta tarefa de elaborar um novo instrumento teórico para evangelizar a juventude, não estamos apenas iniciando. Há um bom caminho andado e há experiências bem-sucedidas em diferentes lugares do país.

ANEXO 4:

ALGUNS PRONUNCIAMENTOS DO MAGISTÉRIO SOBRE A JUVENTUDE

Conferência Geral de Medellín

295. Em 1968, a Conferência Episcopal de Medellín referia-se à juventude como “uma grande força nova de pressão” e como “um novo organismo social com valores próprios”.¹
296. A juventude vive uma época de crises, onde uns aceitam “as formas burguesas da sociedade” e outros as rejeitam. Ela quer transformações profundas, que garantam uma sociedade justa. Os jovens são mais sensíveis aos valores novos do que os adultos. Identificam a Igreja com os padres e bispos, não se identificando com ela porque não se sentem convidados a participar. Qualidades dos jovens, citadas pela Conferência de Medellín, são a autenticidade, a sinceridade e a aceitação do diferente.
297. A Igreja vê na juventude a constante renovação da vida da humanidade. A juventude é o símbolo

¹ *Conclusões de Medellín – II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*, publicação do Regional Sul 3 da CNBB, 1968. Referimo-nos ao capítulo sobre juventude, pp. 32-37.

da Igreja, chamada a uma constante renovação de si mesma. Por isso ela quer desenvolver, dentro da pastoral de conjunto, uma autêntica Pastoral da Juventude, educando os jovens a partir de sua vida, permitindo-lhes plena participação na comunidade eclesial.

298. Recomendam as conclusões de Medellín: a) que se apresente com mais nitidez a face de uma Igreja autenticamente pobre, missionária, pascal, audazmente comprometida na libertação do homem todo e de todos os homens; b) que a pregação e os documentos pastorais sejam simples e atualizados; c) que o sentido de autoridade se expresse em caráter de serviço; d) que haja uma autêntica orientação vocacional, levando em conta os diferentes estados de vida.

Conferência Geral de Puebla

299. Na quarta parte das Conclusões de Puebla, em 1979, tratando da Igreja missionária a serviço da evangelização na América Latina, o episcopado faz duas opções que marcaram a Conferência: a opção preferencial pelos pobres (32 citações) e pelos jovens (40 citações).
300. O documento fala que a juventude é, também, uma atitude face à vida numa etapa transitória. Os traços característicos dos jovens são: o espí-

rito de aventura, a capacidade criadora, o desejo de liberdade e o fato de serem sinal de alegria e felicidade, exigindo autenticidade e simplicidade. O papel da juventude, no corpo social, é de dinamizar este corpo.

301. A Igreja confia nos jovens, sendo eles a sua esperança. Por ser dinamizadora do corpo social e especialmente do corpo eclesial, a Igreja faz uma opção preferencial pelos jovens com vistas à sua missão evangelizadora no continente.
302. Por isso o episcopado pede que se desenvolva uma Pastoral da Juventude que:
- leve em conta a realidade social dos jovens;
 - atenda ao aprofundamento e crescimento da fé para a comunhão com Deus e os homens;
 - oriente a opção vocacional dos jovens;
 - ofereça elementos para se converterem em fatores de transformação;
 - proporcione canais eficazes de participação ativa na Igreja e na sociedade para os jovens.
303. A inserção na Igreja é muito exigente e, por isso, uma Pastoral da Juventude que:
- a) seja um verdadeiro processo de educação na fé, cujo fundamento deve ser Jesus Cristo;
 - b) empenhe-se para que o jovem cresça numa

- espiritualidade autêntica e apostólica;
- c) forme os jovens para a ação sociopolítica e para as mudanças de estruturas, formando neles o senso crítico através de uma pedagogia que tenha presente as diferenças psicológicas;
 - d) estimule a capacidade criadora dos jovens, facilitando-lhes os meios em que ponham em prática o seu compromisso;
 - e) ofereça uma boa orientação espiritual aos jovens a fim de amadurecerem a sua opção vocacional, através de retiros, encontros, cursilhos, convivências. Tempo forte é a celebração consciente e ativa do sacramento da confirmação;
 - f) forme com prioridade animadores juvenis qualificados, guias e amigos da juventude, encarando a Pastoral da Juventude como uma pastoral da alegria e da esperança.

Conferência Geral de Santo Domingo

304. Em 1992, em Santo Domingo, os bispos da América Latina reafirmam a opção preferencial pelos jovens feita em Puebla, não só de modo afetivo mas também efetivamente por uma Pastoral da Juventude Orgânica, com acompanhamento, com

apoio real, com diálogo, com maiores recursos pessoais e materiais e com dimensão vocacional. A ação pastoral deve:

- a) responder às necessidades de amadurecimento afetivo e à necessidade de acompanhamento;
- b) capacitar para que os evangelizados conheçam e respondam criticamente aos impactos culturais e sociais;
- c) dinamizar uma espiritualidade do seguimento de Jesus, propiciando o encontro de fé e vida, a promoção da justiça e a geração de uma nova cultura da vida;
- d) assumir as novas formas celebrativas da fé, próprias da cultura dos jovens;
- e) anunciar que o Deus da vida ama os jovens;
- f) abrir espaços de participação na Igreja aos jovens e adolescentes através de uma pedagogia da experiência, promovendo o protagonismo através do método Ver-Julgar-Agir-Revisar-Celebrar.

ANEXO 5

Gráfico A – Formação integral: dimensões, processos e perguntas

O seguinte gráfico pode ajudar-nos a visualizar esta proposta da formação integral:

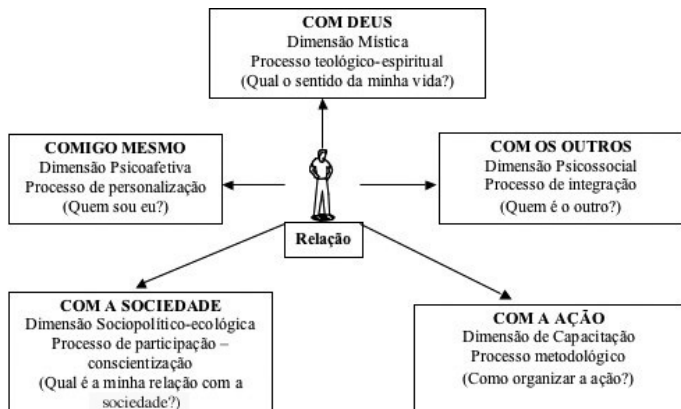
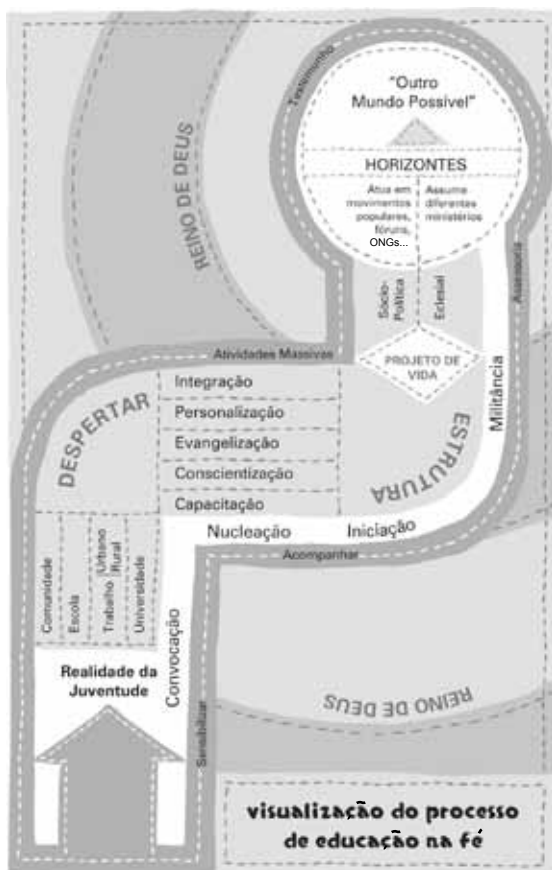
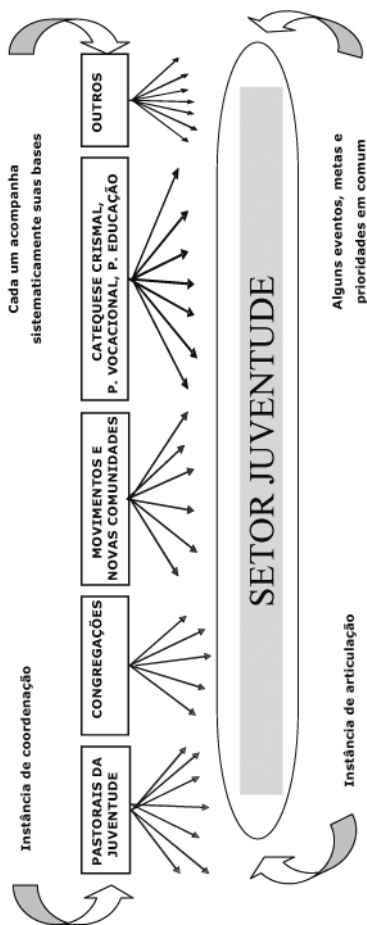


Gráfico B – Proposta de um processo de educação na fé¹



¹ In: TEIXEIRA, Carmem Lúcia (org.). *Passos na travessia da fé; metodologia e mística na formação integral da juventude*. São Paulo, C CJ, 2005. p. 36.

Gráfico C – Para ajudar a compreensão do setor juventude – Organização da ação evangelizadora da juventude



ANEXO 6: ASSEGURAR AOS JOVENS O DIREITO À VIDA

305. É necessário comprometer os diferentes segmentos da Igreja com a realização do debate público e com a promoção de ações que visem garantir os direitos fundamentais dos jovens nos seguintes campos:
306. Na educação – promover e apoiar ações com vistas:
- à ampliação do acesso e permanência dos jovens na escola de qualidade;
 - à promoção de formação profissional;
 - à qualificação contínua dos professores;
 - à universalização do Ensino Fundamental e Médio para todos os jovens;
 - ao enfrentamento do analfabetismo, que atinge mais profundamente os jovens nordestinos, os moradores das áreas rurais e os afro-descendentes;
 - ao apoio a propostas de investimento na melhoria dos espaços das escolas públicas, das instalações e equipamentos;

- à integração entre a escola e as culturas juvenis, tornando a escola um espaço em que os jovens se sintam bem e possam desenvolver suas capacidades;
- ao apoio aos programas que concedem bolsas para que os jovens permaneçam na escola;
- ao apoio às experiências de pré-vestibulares alternativos que possibilitem o ingresso de jovens afro-descendentes e pobres nas universidades;
- ao apoio à implantação de política de cotas nas universidades públicas para estudantes oriundos da escola pública e afro-descendentes;
- à implantação e ampliação da concessão de bolsas de estudos nos colégios e universidades católicas para esses jovens;
- ao acesso às tecnologias de informação, promovendo a inclusão digital, em especial dos jovens afro-descendentes e pobres.
- a um consistente projeto de “Educação ao Amor” (amizade, namoro, casamento), que possa oferecer aos jovens católicos verdadeiros valores para a sua formação na área da afetividade e sexualidade, segundo os princípios cristãos.

307. No trabalho e renda – apoiar ações que tenham como objetivo a inserção dos jovens no mercado de trabalho através:

- da adoção de uma política econômica voltada para a criação de novos postos de trabalho;
 - da implementação de programas que possibilitem o acesso de jovens sem experiência profissional ao mercado laboral;
 - do apoio à organização, inclusive com concessão de crédito, de empreendimentos solidários de jovens para que tenham acesso a trabalho e renda, exprimindo a edificação de novas formas de solidariedade;¹
 - do apoio e contribuição em programas de formação profissional que estejam em sintonia com as novas conformações do mercado de trabalho;
 - da ampliação das oportunidades de estágios remunerados para jovens;
 - da garantia aos jovens do meio rural do acesso à terra.
308. Na cultura e lazer – apoiar ações que visem favorecer o acesso de todos os jovens aos bens culturais e aos espaços de fruição da cultura e do lazer através:
- da descentralização das alternativas culturais, promovendo espetáculos musicais, teatrais, de dança, e cinema nos bairros populares;

¹ Cf. CNBB, *Diretrizes gerais... 1999-2002*, doc. 61, n. 199.

- da implantação da meia-entrada nos espetáculos comerciais, mesmo para os jovens que não são mais estudantes, ou da promoção de espetáculos gratuitos;
- da concessão de passe livre para jovens se deslocarem para espetáculos culturais;
- da implantação e conservação de praças e áreas de lazer nos bairros;
- do incentivo à prática de esportes diversos, tanto para os jovens como para as jovens;
- das condições para que os jovens possam expressar suas visões de mundo através da arte, de modo que possam se afirmar como produtores de bens culturais e artísticos, e não apenas consumidores;
- do apoio às experiências de participação juvenil em comunicação, especialmente nas rádios e jornais comunitários.

309. Na segurança pública e combate à criminalidade:

- exigir que seja implantada uma política de segurança que garanta a todos os cidadãos, em especial aos jovens moradores dos grandes centros urbanos, o direito de ir e vir;
- combater o tráfico de drogas, não apenas nos pontos de distribuição mas também em sua articulação como negócio internacional, que

envolve a circulação de altas somas, lavagem de dinheiro e tráfico de armas;

- combater todas as formas de violência: física, simbólica, doméstica, policial;
- combater todas as formas de violência e abuso sexual;
- combater a prostituição infanto-juvenil;
- tomar posicionamento firme contra a proposta de redução da maioridade penal;
- pleitear o estabelecimento de uma política de segurança que combata a corrupção policial e garanta treinamento aos agentes de segurança pública na perspectiva dos direitos humanos.
- garantir os direitos da população carcerária, constituída em sua maioria por jovens, aplicando métodos educativos que realmente os auxiliem na mudança de vida e no processo de inclusão na sociedade;
- apoiar todas as ações que visem à difusão e implantação de uma cultura de paz.

310. Na saúde e assistência social:

- promover vida saudável, através do acesso à alimentação de qualidade e à atividade física;
- garantir o acesso à informação para que a experiência da maternidade e da paternidade seja uma escolha consciente, quando os casais

- jovens se acharem maduros para esta responsabilidade, levando em conta a ética cristã;
- educar os jovens católicos para a responsabilidade no exercício da própria sexualidade.
 - promover educação com vistas à prevenção do uso de drogas, com especial atenção às bebidas alcoólicas, consideradas drogas lícitas, responsáveis pelo envolvimento de jovens em situações que colocam em risco suas vidas (como acidentes de trânsito, brigas, afogamentos);
 - dar atenção especial aos jovens que deixaram a escola e não estão inseridos no mercado de trabalho;
 - garantir que os jovens em situação de risco social tenham acesso à assistência social adequada (jovens vítimas de violência doméstica e sexual; jovens em situação de rua; jovens que testemunharam crimes);
 - garantir os direitos e a reinserção social dos jovens que se encontram em cumprimento de medidas socioeducativas, especialmente daqueles que se encontram afastados do convívio familiar, nas chamadas casas de correção.

311. Na participação:

- estimular a participação dos jovens em grupos, movimentos, organizações culturais, socioambientais e políticas;
- apoiar a constituição e acompanhar as atividades de conselhos de juventude em todos os níveis (municipal, estadual, nacional);
- colaborar na formulação, acompanhar a implantação e avaliar as políticas públicas de juventude, estimulando especialmente a participação dos jovens nestas atividades;
- colaborar para que as escolas se tornem espaços privilegiados de participação e de aprendizado democrático (através do estabelecimento de grêmios e de representações estudantis);
- contribuir para que os grupos religiosos, movimentos e pastorais sejam também espaços de formação para a cidadania, na medida em que possibilitam a consciência e a vivência dos direitos e deveres, e tornam-se ambiente de construção de pensamento crítico e democrático;
- acompanhar a discussão acerca do estabelecimento do Estatuto da Juventude, que está em tramitação no Congresso Nacional;
- acompanhar as comissões especiais e permanentes de políticas públicas de juventude que foram criadas no âmbito dos legislativos

- federais, estaduais e municipais;
- estimular a participação juvenil nas conferências estaduais e nacional de juventude.

SUMÁRIO

Apresentação 5

Introdução 9

I. Elementos para o conhecimento

da realidade dos jovens 15

1. As transformações culturais e os jovens 15

2. Perfil da juventude brasileira 23

3. Valor da experiência acumulada da Igreja 36

II. Um olhar de fé a partir da

palavra de Deus e do Magistério 39

1. O seguimento de Jesus Cristo 40

2. Igreja, comunidade dos discípulos de Jesus 47

3. Construção de uma sociedade solidária 56

4. Pronunciamentos do Magistério sobre
a juventude 58

III. Linhas de ação 62

1ª linha de ação: FORMAÇÃO INTEGRAL

DO(A) DISCÍPULO(A) 64

2ª linha de ação: ESPIRITUALIDADE 72

3ª linha de ação: PEDAGOGIA DE FORMAÇÃO.....	82
4ª linha de ação: DISCÍPULOS E DISCÍPULAS PARA A MISSÃO	92
5ª linha de ação: ESTRUTURAS DE ACOMPANHAMENTO	95
6ª linha de ação: MINISTÉRIO DA ASSESSORIA.....	103
7ª linha de ação: DIÁLOGO FÉ E RAZÃO	108
8ª linha de ação: DIREITO À VIDA.....	113
Conclusão	120
Anexo 1: Impacto das tendências do mundo contemporâneo sobre os jovens	122
Anexo 2: Situação socioeconômica da juventude brasileira	127
Anexo 3: Valor da experiência acumulada pela Igreja.....	133
Anexo 4: Alguns pronunciamentos do Magistério sobre a juventude	149
Anexo 5: Gráfico A	154
Gráfico B	155
Gráfico C	156
Anexo 6: Assegurar aos jovens o direito à vida..	157

Impresso na gráfica da
Pia Sociedade Filhas de São Paulo
Via Raposo Tavares, km 19,145
05577-300 - São Paulo, SP - Brasil - 2007